



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E FORMAÇÃO
DOCENTE
MESTRADO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE**

EDMILSON RODRIGUES CHAVES

**AS FORMAÇÕES DO MAIS PAIC E SUAS REPERCUSSÕES NAS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO NOS
SERTÕES DE CRATEUS**

**MARANGUAPE-CE
2024**

EDMILSON RODRIGUES CHAVES

**AS FORMAÇÕES DO MAIS PAIC E SUAS REPERCUSSÕES NAS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO NOS
SERTÕES DE CRATEÚS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ensino e Formação Docente, do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Linha de Pesquisa: Ensino e Formação

Orientador: Prof. Dr. Solonildo Almeida da Silva

**MARANGUAPE - CE
2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Instituto Federal do Ceará - IFCE

Sistema de Bibliotecas - SIBI

Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C512f Chaves, Edmilson Rodrigues.

AS FORMAÇÕES DO MAIS PAIC E SUAS REPERCUSSÕES NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO NOS SERTÕES DE CRATEUS / Edmilson Rodrigues Chaves. - 2024.

101 f.

Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente, Campus Maranguape, 2024.

Orientação: Prof. Dr. Solonildo Almeida da Silva.

1. Formação de professores. 2. Práticas pedagógicas. 3. Ciclo de Alfabetização. I. Título.

EDMILSON RODRIGUES CHAVES

**AS FORMAÇÕES DO MAIS PAIC E SUAS REPERCUSSÕES NAS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO NOS
SERTÕES DE CRATEÚS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ensino e Formação Docente, do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Solonildo Almeida da Silva (Orientador)
Instituto Federal do Ceará – IFCE

Prof. Dr. Elcimar Simão Martins
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Profa. Dra. Maria Cleide da Silva Ribeiro Leite
Instituto Federal do Ceará – IFCE

Dedico este trabalho a meu filho Davi Moreira, como forma de incentiva-lo a estudar sempre, pois, os estudos é o caminho mais certo capaz de nos levar a magia e encantamento do mundo que sempre sonhamos, e assim transformar nossos sonhos em realidade, vivendo cada momento com toda a intensidade que sempre sonhamos; que essa produção acadêmica sirva como degraus que levarão você a sua plena realização pessoal e profissional por meio de seus próprios esforços e estudos os quais fazem parte de sua rotina de hoje...

AGRADECIMENTOS

Em primeiro momento a Deus, nosso criador, sem ele, seria impossível sonhar, lutar e transformar sonhos em realidades.

Em segundo lugar, a minha esposa Aparecida Moreira, obrigado por estar sempre ao meu lado, por entender e aceitar minha inúmeras viagens a Fortaleza, pela minha ausência quando você assumia a casa, nosso filho e seu trabalho sozinha; obrigado pela compreensão às noites dedicadas as minhas leituras e estudos; pelas as vezes que compreendeu minha impaciência; obrigado por me acolher nos momentos de fragilidade; enfim, obrigado por lutar comigo em busca de meus sonhos que também são seus; obrigado por acreditar em meu potencial de intelectualidade, a você e ao nosso filho, meu carinho, meu amor e minha gratidão...

Agradecer as amigas-irmãs que o Mestrado me deu de presente: Gerviz, Idalina, Cristiana, Verônica e Cristiane; esse grupo de mulheres aguerridas que muito nos orgulha, obrigado pela escuta, conselhos, confidências e pelas as risadas compartilhadas na caravana da Vevê durante o percurso a caminho de Maranguape ou Redenção;

Agradeço o companheirismo de Cristiana, amiga de longas datas, que unidos em prol dos mesmos objetivos superamos os atropelos das inúmeras viagens à Fortaleza em busca de aprimorar o conhecimento acadêmico e conquistar nosso sonhado título de Mestre.

Ao Programa PPGEF-UNILAB/IFCE por contribuírem para nossa formação enquanto pesquisador, por tantos momentos ricos de discussões e compartilhamento de aprendizagens durante todo o curso.

Agradecer aos Professores Dr. Solonildo de Almeida, Prof. Dr. Elcimar Simão Martins e a Profa. Dra. Maria Cleide da Silva Ribeiro Leite pelas orientações e direcionamentos durante esta caminhada; compreendo que vocês foram peças fundamentais nesse processo de construção e aprimoramento de nossa escrita acadêmica, portanto a vocês, nossa eterna gratidão.

“A tolice das crianças, talvez, seja idêntica ao absurdo dos sonhos. Para aqueles que não entendem a sua linguagem e não possuem a chave que abre as portas de sua sabedoria enigmática, os sonhos são, de fato, nada mais que loucas e insignificantes perturbações do sono. Mas para aqueles que se dão ao trabalho de decifrá-los, eles contêm revelações de uma sabedoria perdida. Crianças são sonhos. Sobre a sua mansa aparência infantil se esconde o segredo de nossa felicidade perdida ”.(Rubem Alves , 1994, P. 55).

RESUMO

Esta pesquisa resultou da dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) em parceria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Foi submetida ao Conselho de Ética em Pesquisa-CEP, e obteve parecer Nº 6.599.665 consubstanciado do CEP/CONEP. Objetivou-se neste estudo, investigar a percepção de professoras alfabetizadoras sobre suas necessidades formativas no programa MAIS PAIC em uma escola municipal dos Sertões de Crateús. Enfatizou-se neste trabalho as diversas facetas das crianças ao percorrem o processo de escolarização nas etapas dos primeiros anos escolares do ensino fundamental para consolidar o ciclo de alfabetização. A metodologia de natureza qualitativa agregou o método bibliográfico colaborativo. E as técnicas de coletas das informações, incluiu visita à escola para observá-la a fim de conhecer a realidade do processo de alfabetização. Além da observação, aplicou-se entrevistas com quatro professoras alfabetizadoras. O roteiro das entrevistadas contemplou as formações do MAIS PAIC e suas percepções e repercussões docentes acerca da alfabetização em sala de aula nos Sertões de Crateús. Explorou-se o eixo sobre professora alfabetizadora e o ciclo de alfabetização; avaliações externas e sua aplicabilidade nos anos iniciais do ensino fundamental (1º e 2º ano); e a estrutura e funcionalidade das formações do MAIS PAIC nos Sertões de Crateús. Os estudos teóricos aportaram investigação na Biblioteca Digital de Tese e Dissertações (BDTD); a Comunidade Acadêmica Federada (CAFe) do portal de periódicos da CAPES e Google acadêmico. O eixo teórico central apoiou-se em João dos Santos (1913-1987), sobretudo na Pedagogia Terapêutica, pela sua relevância inovadora nas formações do MAIS PAIC, integrada a partir deste trabalho, aos processos formativos. A teoria Santina através da pedagogia terapêutica defende o corpo e a mente em equilíbrio para que a aprendizagem na infância aconteça de forma exitosa. Neste sentido, de maneira alinhada ao MAIS PAIC, priorizou-se refletir o Ciclo de Alfabetização dos Sertões de Crateús e analisar o impacto das formações do MAIS PAIC na prática pedagógica dos professores alfabetizadores. As reflexões constituíram o produto educacional direcionado ao aprimoramento da formação do MAIS PAIC, num formato caderno digital que será utilizado no MAIS PAIC para a melhoria das práticas pedagógicas de alfabetização em sala de aula, a partir das formações continuadas. O caderno digital integra ainda, uma sequência didática envolvendo as disciplinas que contribuirão com a prática pedagógica dos professores alfabetizadores nos anos iniciais do ensino fundamental nas formações do MAIS PAIC nos Sertões de Crateús.

Palavras-chave: Formação de professores. Práticas pedagógicas. Ciclo de Alfabetização.

ABSTRACT

This research resulted from the Master's dissertation of the Postgraduate Program in Teaching and Teacher Training of the University of the International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB) in partnership with the Federal Institute of Education, Science and Technology of Ceará (IFCE). The study was submitted to the Research Ethics Council (CEP) and was approved by CEP/CONEP under protocol No. 6.599.665. The aim of this study was to investigate the perception of literacy teachers about their training needs in the MAIS PAIC program in a municipal school in the Sertões de Crateús. This work emphasized the various facets of children as they go through the schooling process in the early years of elementary school to consolidate the literacy cycle. The qualitative methodology used the collaborative bibliographic method. The information gathering techniques included a visit to the school to observe it in order to get to know the reality of the literacy process. In addition to observation, interviews were conducted with four literacy teachers. The script for the interviewees covered the MAIS PAIC training courses and the teachers' perceptions and repercussions on literacy in the classroom in the Sertões de Crateús. The axis explored was literacy teachers and the literacy cycle; external assessments and their applicability in the initial years of elementary school (1st and 2nd year); and the structure and functionality of MAIS PAIC training in the Sertões of Crateús. The theoretical studies were based on research in the Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), the Federated Academic Community (CAFe) of the CAPES journal portal and Google Scholar. The central theoretical axis was based on João dos Santos (1913-1987), above all on Therapeutic Pedagogy, due to its innovative relevance in MAIS PAIC's training programs, integrated into the training processes from this work onwards. Through therapeutic pedagogy, Santina's theory advocates a balanced body and mind so that learning in childhood can take place successfully. In this sense, in line with MAIS PAIC, the priority was to reflect on the Literacy Cycle in the Sertões of Crateús and analyze the impact of MAIS PAIC training on the pedagogical practice of literacy teachers. The reflections constituted the educational product aimed at improving MAIS PAIC training, in a digital notebook format that will be used in MAIS PAIC to improve literacy teaching practices in the classroom, based on ongoing training. The digital notebook also includes a didactic sequence involving the subjects that will contribute to the pedagogical practice of literacy teachers in the initial years of elementary school in the MAIS PAIC training courses in the Sertões de Crateús.

Keywords: Teacher training. Pedagogical practices. Literacy cycle.

LISTA DE FIGURAS/QUADROS

Quadro 1 - A LINHA DO TEMPO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	31
Quadro 2 - MATIZ DE REFERÊNCIA DA ANA – 2º ANO	51
Quadro 3 - MATRIZ DE REFERÊNCIA – PORTUGUÊS – 1º ANO	52
Quadro 4 - MATRIZ DE REFERÊNCIA – PORTUGUÊS – 2º ANO	533

LISTA DE SIGLAS

ANA	Avaliação Nacional da Alfabetização
ANEB	Avaliação Nacional da Educação Básica
ANRESC	Avaliação Nacional do Rendimento Escolar
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CNE	Conselho Nacional de Educação
COPEM	Coordenadoria de Cooperação com os Municípios
CREDE	Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil
DCRC	Documento Curricular Referencial do Ceará
IES	Instituição de Ensino Superior
IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
PAIC	Programa Alfabetização na Idade Certa
PNAIC	Programa Nacional Alfabetização na Idade Certa
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
SAEB	Sistema de Avaliação da educação Básica
SEDUC	Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação
SME	Secretaria Municipal de Educação
SPAECE	Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Sumário

1. INTRODUÇÃO	14
2. PROFESSOR ALFABETIZADOR E O CICLO DE ALFABETIZAÇÃO	21
2.1. ALFABETIZAR E LETRAR: PROCESSOS INDISSOCIAVEIS	27
2.2. O PROFESSOR ALFABETIZADOR E A SALA DE AULA	34
3. ESTRUTURA E FUNCIONALIDADE DO MAIS PAIC	41
3.1. O MAIS PAIC E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	44
3.2. AS AVALIAÇÕES EXTERNAS	46
3.3. O PAIC NOS SERTÕES DE CRATEÚS: UMA EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS	55
3.4. O ENCONTRO DO PAIC COM A PEDAGOGIA TERAPÊUTICA	59
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	66
4.1. A PESQUISA DE CAMPO	70
4.2. O UNIVERSO DA PESQUISA E AS PROFESSORAS COLABORADORAS ...	72
4.3. A PESQUISA E AS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS	74
4.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA	76
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

1. INTRODUÇÃO

Existem várias teorias que tentam explicar o processo de aprendizagem e desenvolvimento intelectual do educando, porém, vale ressaltar que tais teorias explicam a realidade deste processo tomando como referencial algum aspecto específico; sendo assim abordamos em nosso trabalho, o cotidiano dos professores dos anos iniciais (1º e 2º ano) lócus principal de nossa pesquisa.

Nesse contexto histórico, abordamos nesta produção acadêmica aspectos relacionados as formações do MAIS PAIC, voltada aos professores do ciclo de alfabetização; tecendo um eixo de reflexões a cerca deste profissional que muito tem a contribuir com o processo educativo em sua plenitude; haja visto que são eles(professores dos anos iniciais) os principais responsáveis pelo os pilares que darão sustentabilidade a todo processo educativo das crianças que encontram-se inserida do ambiente escolar. É meio a esse contexto que emerge o presente projeto de pesquisa intitulada “As formações do MAIS PAIC e suas repercussões nas práticas pedagógicas dos professores do ciclo de alfabetização nos sertões de Crateús”.

Esse estudo nos fez compreender a maneira como estas formações dialoga e repercutem na prática pedagógica dos professores dos anos iniciais; fundamentado neste princípio, traçamos como pergunta suladora de nosso trabalho a seguinte indagação: Quais as reais necessidade pedagógicas dos professores do ciclo de alfabetização?

Para aprofundar esta indagação e melhor compreendermos a sincronização deste processo em relação aos profissionais do ciclo de alfabetização, trouxemos respostas ao longo do texto para os seguintes questionamentos: Quais as estratégias inovadoras trazidas pelas formações do MAIS PAIC? Quais as percepções dos professores em relação as formações do MAIS PAIC? Que práticas pedagógicas são desenvolvidas pelos professores do Ciclo de Alfabetização?

Desta forma, enquanto pesquisador na área de formação de professores a fim de reconstruir saberes da vida docente em busca de estratégias capaz de inovar a prática pedagógica por meio das formações do MAIS PAIC no ciclo de alfabetização; acreditamos que esta produção tem relevância pedagógica, política e social para o campo da formação docente.

Partimos da premissa que para selecionar o profissional atuante no ciclo de alfabetização, etapa extremamente delicada no processo educativo, faz-se necessário estabelecer critérios específicos pois, trata-se dos pilares basilares que irão dar sustentabilidade toda a aprendizagem posterior.

Defendemos uma educação escolar voltada para crianças de 03 a 05 anos que promova a integração entre os diferentes aspectos: físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais; onde o professor, deve ser uma pessoa extremamente qualificado, pois, o mesmo assume papel de agente socializador, propiciando o desenvolvimento da criança por meio de aprendizagens diversificadas, numa perspectiva de contribuir para formação de crianças felizes e saudáveis.

O Referencial Curricular Nacional para educação Infantil (1998, Vol. 01, p. 30), traz no corpo de seu texto o seguinte enunciado em relação à função do professor: “...propiciar e garanti um ambiente rico, prazeroso, saudável e não discriminatório de experiências educativas e sociais variadas”, dessa formam compreendemos que o processo de desenvolvimento infantil deve acontecer em situações de interação social constante.

O estudo traz uma reflexão sobre o contexto da formação docente enquanto processo de qualificação profissional em serviço que busca o aperfeiçoamento dos integrantes comprometidos com o processo de construção da leitura e escrita dos alunos no ciclo de alfabetização.

Para contextualizar esse raciocínio, tomamos como base o Programa de aprendizagem na idade certa - PAIC-, e procuramos abordar a temática sobre a perspectiva de construção de um docente em processo permanente e contínuo de formação, haja visto que professorar é um verbo que deve ser conjugado constantemente em todos os modos e tempos verbais; desta forma, demonstramos neste estudo a importância da formação em serviço para os profissionais que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental com o propósito de melhor atender sua clientela. Corroborando com a (DCRC, 2019), “A criança é o centro do planejamento curricular que aprende e se desenvolve por meio de interações, relações e nas práticas cotidianas” (DCRC, 2019), assim, através deste planejamento e por meio das interações sociais, acontece o desenvolvimento pleno das crianças que estão em desenvolvimento físico e intelectual permanente.

Compreendemos que o perfil docente do educador necessita de um fazer pedagógico alinhado a uma prática docente coerente e satisfatória capaz de levar o docente e discente ao sucesso. Objetivando aproximar o fazer pedagógico com a realidade do alunado, torna-se cada vez mais necessária qualificar o docente em formação nos espaços de educação básica, para que a eles sejam oferecidas oportunidades para refletir sobre sua prática docente e conhecer novas estratégias de inovação junto ao trabalho pedagógico da escola, levando em consideração a realidade de cada espaço escolar e sua clientela durante seu processo de aprendizagem.

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimento, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (Freire, 2014, p. 25).

Trazemos em nosso contexto social as marcas de nossa história de vida a qual também é um construto permanente e contínuo que nos acompanhará por toda a vida, afinal, jamais poderemos negar nossa ancestralidade, pois, é nela e por ela que está contextualizada o processo identitário da humanidade.

Acreditamos que a educação é o caminho mais viável capaz de transformar o sujeito e eleva-lo ao mundo do sucesso; nesta perspectiva de mudança e transformação é que já ultrapassamos à duas décadas de docência efetiva nesta caminhada pelas as trilhas da educação, sempre tecendo um emaranhado de fatos que geram conhecimentos capazes de subsidiar a carência do saber pedagógico do alunado através das informações e formações que recebemos na função enquanto profissional da educação; foi trilhando por diversos caminhos que o processo educativo nos levou ao encontro com a temática que aborda esta produção acadêmica.

Nosso encontro com a temática se deu, a partir da trajetória pedagógica como professor formador do Programa de Alfabetização na Idade Certa -PAIC, experiência de relevância para crescimento pessoal e profissional, onde tivemos a oportunidade de compartilhar desafios e prazeres no processo de ensino e aprendizagem com os professores alfabetizadores.

A referida experiência nos trouxe profundas reflexões e algumas indagações a cerca desse processo de formação de professores. É neste contexto que emergiu esta pesquisa necessária identificação do perfil docente exigido pelo Programa de Alfabetização na Idade Certa – PAIC para atuar no ciclo de alfabetização e assim compreender como este dialoga e repercute na prática pedagógica dos professores da rede pública contribuindo de forma exitosa no processo de alfabetização.

Falar de alfabetização é resgatar a história de vida de inúmeros educadores que iniciaram sua carreira no mundo da docência por meio da educação infantil, dessa forma, para contextualizar o que ora investigamos, revisitamos o baú de memórias e nos direcionamos a

própria história de vida, acerca da experiência enquanto profissional da educação há pouco mais de duas décadas no percurso pedagógico da docência.

Experenciemos o ciclo de alfabetização quando adentramos a rede de ensino municipal através de concurso público no ano de 2002, nos Sertões de Crateús no estado do Ceará; naquela época, recém formado em Pedagogia, inexperiente, mas, com muita garra e vontade de pôr em prática os ensinamentos adquiridos na Faculdade de Educação durante o curso de Pedagogia.

Foi dessa forma que cheguei ao mundo das letras para exercer com muita maestria a profissão de professor junto a uma clientela desprovida de quase tudo, pois, a clientela era composta por crianças advinda das classes trabalhadoras em condições vulneráveis as quais passamos a conviver e a direcioná-las ao mundo menos desigual. Pois, ser professor é contribuir com a melhoria de vida naquilo que acreditamos e defendemos para a mudança e transformação social. Aquela época, naquela escola localizada na periferia da comunidade dos Sertão de Crateús, dei o melhor como docente formador.

Ali, diante de uma clientela desacreditada, apenas com o giz e a vontade de vencer iniciamos a vida profissional no mundo da docência, o qual atuamos até os dias atuais; durante a caminhada pedagógica ocupamos diversos espaços escolares com uma clientela heterogenia em diferentes escolas da rede municipal de ensino.

Nossa trajetória profissional enquanto pedagogo traz boas lembranças de crianças alfabetizadas com o mínimo de recursos e suportes pedagógicos existentes nas escolas da região, pois, somos conhecedores das diversas realidades onde fomos protagonistas de inúmeras cenas, destacamos que os personagens principais eram crianças. Embora carentes em quase tudo, inclusive nas condições financeiras, tinham o desejo e a vontade de aprender o que nos estimulava favoravelmente, pois, nem sempre as condições financeiras são fatores determinantes na vida de algumas famílias de baixo poder aquisitivo.

Nosso processo formativo emanou de um investimento profissional que fazemos durante toda a trajetória de formação através de diversos cursos, palestras, seminário e congressos, os quais participamos durante o percurso em exercício da profissão; o desejo é sempre adquirir uma melhor qualificação profissional para aperfeiçoar a prática pedagógica na área em que atuamos no cargo docente, portanto, o processo de formação acontece ininterruptamente através das diferentes situações vivenciadas no decorrer da profissão, conforme Nóvoa:

O formador forma-se a si próprio através de uma reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais (autoformação); o formador forma-se na

relação com os outros, numa aprendizagem conjunta que faz apelo à consciência, aos sentimentos e as emoções (eco formação), o formador forma-se através das coisas (dos saberes, das técnicas, das culturas, das artes, das tecnologias e de sua compreensão crítica(heteroformação)).(Nóvoa, 1999, P. 11)

Percebemos nas palavras de Nóvoa(1999) a importância de nossa autobiografia para o processo de formação na função docente, pois é nele e por ele que construímos e reconstruímos a identidade profissional; dessa forma, vamos estruturando um saber pedagógico compartilhando com os integrantes do processo educativo através das diferentes situações a qual estamos inseridos, envolvendo todos que contribuem com a construção de um sujeito ativo e consciente, conhecedor de sua realidade e que almeja mudança nessa realidade social.

A principal tarefa da escola na sociedade vigente é trabalhar o desenvolvimento intelectual dos indivíduos procurando transformar suas vidas em processos permanentes de aprendizagem, buscando desenvolver as habilidades de compreensão e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços como cidadãos portadores de direitos e deveres.

E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. (Freire, 2014, p. 28).

A educação busca a cada dia novas formas metodológicas para aperfeiçoar o aprendizado, são inúmeras as inovações a fim de aperfeiçoar os processos de ensino e de aprendizagem de forma significativa, onde se busca estratégias metodológicas inovadoras objetivando uma melhor aprendizagem para todos; foi meio a estas buscas que nos deparamos com o objeto dessa pesquisa: As formações do MAIS PAIC e suas repercussões na prática pedagógica dos professores da rede municipal dos Sertões de Crateús.

O referido tema despertou nosso interesse por se tratar do processo de formação docente propriamente dito, onde envolve formador e formando, pois acreditamos que o professor qualificado é aquele que aprende ensinando e ensina aprendendo na interação com os colegas de profissão e no contexto que está inserido. Compartilha, por tanto, o que sabe, constrói e reconstrói o seu conhecimento em parceria com os colegas de profissão; percebemos isso nas palavras de Nóvoa (2009, p.30) ao afirmar que, “Ser professor é compreender os sentidos da

instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes. É na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão”

Conscientes de que para desenvolvermos qualquer atividade, necessitamos de um planejamento a priori, em que objetivos e metas estejam traçados, de forma alinhada com o objetivo geral, nos propusemos: Investigar a percepção de professores alfabetizadores sobre suas necessidades formativas no programa MAIS PAIC em escolas dos Sertões de Crateús; no que diz respeito aos objetivos específicos, traçamos: Observar que práticas pedagógicas são desenvolvidas pelos professores do Ciclo de Alfabetização dos Sertões de Crateús; Refletir sobre o impacto das formações do MAIS PAIC na prática pedagógica dos professores alfabetizadores; analisar a importância das formações do MAIS PAIC para o processo ensino e aprendizagem das crianças do ciclo de alfabetização e Apresentar estratégias pedagógicas utilizando os livros da coleção MAIS PAIC com uso da interdisciplinaridade para subsidiar a aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental.

O presente trabalho está dividido em seis seções distintas, onde cada seção subdivide-se em tópicos que abordam a temática sobre aspectos variados, pois, compreendemos que toda a escrita é um construto das seções anteriores e seguintes tecendo reflexões sobre as formações do MAIS PAIC, o ciclo de alfabetização e professores alfabetizadores em suas práticas formativas, isto é, objeto de nossa dissertação.

Na primeira seção consta uma breve introdução apresentando ao leitor um pouco da trajetória profissional do autor deste trabalho, explica o motivo da escolha pela temática abordada e os principais objetivos da referida pesquisa. A segunda seção, traz uma abordagem acerca do professor alfabetizador e o ciclo de alfabetização demonstrando a importância do professor e sua formação para o processo ensino e aprendizagem das crianças que se encontram no ciclo de alfabetização.

Na terceira seção trazemos uma abordagem sobre a estrutura e funcionamento do programa MAIS PAIC nos anos iniciais, bem como sua contribuição com a aprendizagem dos estudantes nas diferentes cidades cearenses. Apresentamos na seção quatro, os caminhos metodológicos percorridos para realização deste estudo. Na seção de número cinco, consta a realização da pesquisa com quatro professoras colaboradoras que atuam no Ciclo de Alfabetização, onde esta(pesquisa) retrata a realidade das professoras alfabetizadoras e suas práticas docente nos sertões de Crateús.

Os resultados investigativos originaram o Produto Educacional, parte integrante desta produção acadêmica, estruturado em quatro unidades e com textos distintos além de uma sequência didática para uso na regência de sala pelos professores alfabetizadores; a referida

sequência didática esta composta de procedimentos encadeados por etapas a fim de favorecer o andamento adequado do processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças do ciclo de alfabetização.

Por fim, o fechamento investigativo contendo as considerações finais do objeto científico, onde acrescentamos o nosso ponto de vista em relação ao que foi pesquisado aportando as repercussões das formações do MAIS PAIC na prática pedagógica dos professores que atuam no ciclo de alfabetização. Finalizamos com as referências bibliográficas que fundamentaram a pesquisa durante todo o percurso teórico-metodológico desta escrita acadêmica.

2. PROFESSOR ALFABETIZADOR E O CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

O processo de alfabetização acontece de forma lenta e contínua, onde a criança necessita de estímulos para que esta consiga êxito nessa caminhada rumo ao mundo do conhecimento; a escrita, possui indiscutível importância na formação de cada indivíduo; segundo (Krammer, 1996, p.192) “a alfabetização é um processo que começa a ser construído antes da entrada da criança na escola”. Estas palavras deixam claro que desde o nascimento a criança começa a desenvolver sua aprendizagem, seja através do choro, ao sugar o peito da mãe, ao rir, ou seja, em todas as ações praticadas pela criança gradativamente, ali estar acontecendo uma aprendizagem; desta forma, fica evidente que a alfabetização da criança acontece a cada momento, através de suas ações e relações com os outros, bem antes até mesmo de chegar na escola.

Ressaltamos que apenas transmitir conhecimentos ou impor regras nas crianças não leva a aprendizagem e sim o bloqueio destas; as crianças deverão ser livres e espontâneas dentro de seu espaço pedagógico, onde educando e educador definam juntos as regras dos jogos; não existe leitura sem escrita e vice-versa; pois, a escrita é concebida como uma forma de representação da linguagem oral, ou seja, tudo aquilo que é falado, também pode ser escrito, e tudo que é escrito pode ser falado.

Esse construto da leitura e escrita é produzido dentro das potencialidades intelectuais de cada criança, sempre respeitando o nível de desenvolvimento cognitivo específico do indivíduo em idade escolar; portanto, faz-se necessário que a professora alfabetizadora enquanto mediadora da construção deste conhecimento esteja convicta de sua própria concepção de alfabetização e aprendizagem para que assim, a mesma possa facilitar da melhor forma possível o processo de construção destes objetos do conhecimento de suma importância na vida de qualquer pessoa.

Podemos encontrar um enfoque direcionado a alfabetização que condiz com a prática pedagógica na afirmação de Emília Ferreiro ao afirmar:

O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas, as práticas sociais, assim, como as informações sociais não são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentam compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido. Além do mais, a fim de registrarem a informação, elas a transformam. Este é o significado profundo da noção de assimilação que Piaget colocou no âmago de sua teoria (Ferreiro, 1996, p.24)

A Construção da escrita acontece na medida em que a criança interage com os outros, formulando um conhecimento aparentemente abstrato, onde posteriormente este mesmo conhecimento é transcrito ao papel conforme o raciocínio lógico e a forma de escrever desta criança. Sabemos, porém, que a escrita é construída através de garatujas que juntas adequadamente emitem uma mensagem; ressalta-se que esta criança ainda se encontra em processo de formação de palavras, pois, a mesma ainda não consolidou seu processo de alfabetização, porém, ela já demonstra uma certa compreensão sobre a função social da escrita.

Na citação a seguir, Emília Ferreiro (1995) deixa claro sua concepção de escrita, esclarece como acontece seu desenvolvimento e sua função social meio ao contexto histórico em que vivemos:

A escrita não é um produto, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade. Como objeto cultural, a escrita cumpre diversas funções sociais e tem meios concretos de existência (especialmente as concentrações urbanas), o escrito aparece, para a criança, como objeto com propriedades específicas e como suporte de ações e intercâmbios sociais. Existem inúmeras amostras de inscrições nos mais variados contextos (letrados, embalagens, tv, roupas, periódicos, etc.). Os adultos fazem anotações, leem cartas, comentam os periódicos, procuram um número de telefone, etc, isto é, produzem e interpretam a escrita nos mais variados contextos. É evidente que, por si só, a presença isolada do objeto e das ações sociais pertinentes não transmite conhecimento, mas ambas exercem uma influência, criando as condições dentro das quais isto é possível. Imersa em um mundo onde há a presença de sistemas simbólicos socialmente elaborados. A criança procura compreender a natureza destas marcas especiais, para tanto, não exercita uma técnica específica de aprendizagem; como já fez antes com outros tipos de objetos, vai descobrindo as propriedades dos sistemas simbólicos através de um prolongado processo construtivo (Ferreiro, 1995, p.43)

Conforme enunciado acima, podemos perceber que em todas as situações a qual estamos envolvidos a escrita estar presente; e a criança participa constantemente dessa construção através de seus atos, ações e atitudes diária, pois, são eles que fundamentam o pensamento e as ações infantis, favorecendo lhes uma melhor compreensão sobre a importância da leitura e escrita na sociedade e para a sociedade a qual fazemos parte.

Concebida dessa maneira, a leitura e a escrita configuram o processo do ciclo de alfabetização em nossas crianças, tornando-as excelentes leitores e escritores capazes de superar todo e qualquer obstáculo que possa vir aparecer durante seu percurso pedagógico durante o ciclo de alfabetização.

A expansão do acesso à educação básica torna-se a cada dia mais complexa e ampla, sendo assim, coloca-se em xeque a formação de professores para a escola básica no Brasil, pois atualmente, a tarefa do professor não se reduz apenas ao ato pedagógico no ambiente escolar, este professor assume diversas funções em sua rotina educativa, que acaba sobrecarregando o professor com o aumento das exigências impostas a este, extrapolando suas atividades relacionadas a suas reais tarefas que seria o ato de professorar.

Há um autêntico processo histórico de aumento das exigências que se faz ao professor, pedindo-lhe que assuma um número cada vez maior de responsabilidades. No momento atual, o professor não pode afirmar que a sua tarefa se reduz apenas ao domínio cognitivo. Para além de saber a matéria que leciona, pede-se ao professor que seja facilitador da aprendizagem, pedagogo eficaz, organizador do trabalho de grupo, e que, para além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos (Nóvoa, 1999, p.100).

Considerando tal realidade, torna-se cada vez mais necessária a aproximação do docente em formação nos espaços da educação básica, para que a eles sejam oferecidas oportunidades de investigação, conhecimento e análise da realidade em que irão atuar; para aqueles que já atuam, esse é um momento privilegiado para conhecer outras circunstâncias do trabalho pedagógico que envolve seus pares sobre tais desafios.

Os programas de políticas públicas, inserem os diversos saberes acadêmicos desde os primeiros semestres dos cursos de licenciatura no ambiente escolar, dando melhores condições para a construção plural de saberes da docência. Nessa vertente, pensar esses saberes e colaborar para construção de outros podem enriquecer a perspectiva da profissionalização docente por meio do diálogo permanente com a ambiência escolar.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto à indagações, a curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (Freire, 1996, p.25).

Compreendemos a complexidade e a seriedade que compõe o ato de ensinar; pois o cometente educador necessita de subsídios teóricos metodológicos capazes de criar possibilidades para que o educando desenvolva diferentes habilidades em sua aprendizagem, pois o processo de aprendizagem acontece de forma lenta, gradual e contínua frente às exigências que o setor educacional exige; desta forma enfatizamos este, numa visão

multidisciplinar para que possamos compreender o verdadeiro significado do ato de ensinar e aprender.

Conforme o parecer Nº 07 /2010, do Conselho Nacional de Educação, onde estabelece as diretrizes nacionais para o ensino fundamental de nove anos, este, deixa claro a importância dos três anos iniciais do ensino fundamental para o desenvolvimento pleno da criança nos anos posteriores, dessa forma, fica explícito no Art. 30 a importância dos três anos iniciais do Ensino Fundamental e o que estes devem assegurar:

I – a alfabetização e o letramento;

II – o desenvolvimento das diversas formas de expressão, incluindo o aprendizado da Língua Portuguesa, a Literatura, a Música e demais artes, a Educação Física, assim como o aprendizado da Matemática, da Ciência, da História e da Geografia;

III – a continuidade da aprendizagem, tendo em conta a complexidade do processo de alfabetização e os prejuízos que a repetência pode causar no Ensino Fundamental como um todo e, particularmente, na passagem do primeiro para o segundo ano de escolaridade e deste para o terceiro.

§ 1º Mesmo quando o sistema de ensino ou a escola, no uso de sua autonomia, fizerem opção pelo regime seriado, será necessário considerar os três anos iniciais do Ensino Fundamental como um bloco pedagógico ou um ciclo sequencial não passível de interrupção, voltado para ampliar à todos os alunos as oportunidades de sistematização e aprofundamento das aprendizagens básicas, imprescindíveis para o prosseguimento dos estudos (Brasil, 2010, p.8).

O processo de alfabetização fundamentado no enunciado deixa claro que os três anos iniciais do ensino fundamental são extremamente importantes para o progresso contínuo na vida dos estudantes, pois, são estes que darão sustentabilidade para as aprendizagens futuras, portanto, os primeiros três anos do ensino fundamental não devem ser interrompidos e nem antecipados, pois, isso poderá acarretar em prejuízos futuros na vida estudantil de nossas crianças.

Os sistemas de ensino, as escolas e os professores, devem envidar esforços para assegurar o progresso contínuo dos alunos. É necessário entender que os três anos iniciais devem assegurar a alfabetização e o letramento e que o princípio da continuidade da aprendizagem não seja traduzido como “promoção automática” do aluno, para que o combate à repetência não se transforme em descompromisso com o ensino e aprendizagem, a promoção dos alunos deve vincular-se às suas aprendizagens (Alves, 2017, p. 3).

Os diversos componentes curriculares presentes na BNCC oportunizam aos alunos e professoras fazer uma reflexão sobre sua própria realidade buscando compreender o mundo em que vivem, através das relações e interações sociais com todos que estão em sua volta, sendo

assim, estas relações existentes entre as crianças e suas professoras, famílias e a sociedade em geral, favorece a criação de oportunidades onde a criança possa compreender o verdadeiro significado da leitura e escrita para sua própria vida e assim, a criança vai construindo seu conhecimento conforme suas relações e interações com os diferentes seguimentos da sociedade(família, comunidade e escola) e assim, segue construindo seu conhecimento e sua vida estudantil nos anos seguintes do ensino fundamental.

No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, os componentes curriculares tematizam diversas práticas, considerando especialmente aquelas relativas às culturas infantis tradicionais e contemporâneas. Nesse conjunto de práticas, nos dois primeiros anos desse segmento, o processo de alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica (BNCC, 2023, p. 63).

Dessa forma, entendemos que é justamente nos anos iniciais do ensino fundamental que a criança tem seus primeiros contatos com a diversidade de situações as quais essas conseguem avançar intelectualmente em poucos espaços de tempo, desenvolvendo sua leitura e escrita através da diversidade de temática que são trabalhadas no contexto escolar de sala de aula. O grande desafio das professoras alfabetizadoras nesta longa jornada rumo ao mundo letrado será o de criar situações em que as crianças possam desenvolver suas competências e habilidades através da construção de conhecimentos nos diferentes componentes curriculares presentes na base com maior autonomia e protagonismo na vida social.

Os desafios que se delinearam a partir da implantação do Ciclo de Alfabetização nos primeiros anos do ensino fundamental e a garantia dos direitos de aprendizagem, trouxeram a necessidade de reflexão sobre as práticas docentes dos professores alfabetizadores. O ciclo de alfabetização baseia-se no pressuposto de que os diferentes saberes devem ser estudados integrando diversas áreas de conhecimento. Assim, a interdisciplinaridade é vista como uma estratégia de organização do ensino que favorece a contextualização do currículo e aproxima o processo educativo das experiências dos alunos (Alves, 2017, P.3)

Vale ressaltar aqui a importância da interdisciplinaridade como forma de incorporar nos conteúdos e atividades de rotina uma didática fundamentada na diversidade de conteúdos, onde, podemos buscar alternativas que nos possibilite trabalhar cada temática e conteúdo de forma simultânea, envolvendo as professoras e as disciplinas; assim, estaremos contemplando as diferentes áreas do currículo com suas respectivas disciplinas.

É papel das educadoras dos anos iniciais propiciar alternativas de interação entre as crianças no ambiente escolar, elaborando inúmeras situações onde estas crianças se sintam acolhidas e convidadas a interagir com os colegas de turma através das atividades lúdicas e brincadeiras facilitadas pelas professoras regentes de sala, são estas situações que ajudam estruturar a base que dará sustentação para o processo alfabético destas crianças de forma exitosa, portanto, defendemos uma formação continuada voltada para docentes em que haja desenvolvimento educacional infantil específico (Scoz, 1994, p.22) “É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, o que amalgame fatores cognitivos, afetivo/social e pedagógicos, percebido dentro das articulações sociais”.

Nesse sentido, podemos classificar a escola como a principal agência socializadora, além da família, pois cada sujeito ao adentrar uma sala de aula, já traz consigo certa bagagem de conhecimento, que em algumas vezes chega a ser ignorado pelas professoras que são as responsáveis pela acolhida, o que é lamentável, quando isso acontece, demonstra a ausência de professoras qualificadas para assumir seu verdadeiro papel enquanto educadora.

As professoras regentes de sala são as principais responsáveis em trabalhar o desenvolvimento intelectual, afetivo e emocional de cada criança em sala de aula, haja vista que foi preparado para este fim durante seu processo de formação (Zaccur, 1992, p.22)0. Por sua vez, aponta que “[...] difícil mesmo é aprender o que não faz sentido, o que não atende à necessidade e, não tendo utilidade, não vai ao encontro do interesse”, assim são as crianças em idade escolar, onde devemos ensinar ou associar o ensino a sua vida prática, demonstrando que estes ensinamentos serão de suma importância para sua aprendizagem futura.

Desta forma, entendemos como sendo um dos papéis das professoras das séries iniciais, situar a criança no contexto social em que a mesma está inserida, oportunizando-lhes situações em que esta possa interagir com outras crianças, desenvolvendo suas potencialidades e peculiaridades; para que isto torne realidade, faz-se necessário que tenhamos profissionais qualificadas e engajadas no processo ensino e de potencialidades.

Os anos iniciais do ensino fundamental são cruciais para o desenvolvimento da criança que se encontra em processo de construção e desenvolvimento intelectual, durante esta fase, o professor exerce o papel de mediador da construção desse conhecimento, portanto, ele precisa estar convicto de sua própria concepção de alfabetização e aprendizagem para que assim, o mesmo possa facilitar o processo de aquisição desses objetos de conhecimento.

As professoras funcionam como mediadoras do conhecimento, portanto, elas precisam estar atentas a todas as situações as quais a criança está inserida, pois, o conhecimento e a

aprendizagem acontecem rotineiramente nos diversos momentos os quais as crianças vivenciam.

2.1. ALFABETIZAR E LETRAR: PROCESSOS INDISSOCIAVEIS

As atuais Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI - Resolução CNE/CEB nº. 05/09, artigo 4º)” definem a criança como um sujeito histórico e de direitos, que brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e sobre a sociedade, produzindo cultura”. Desta forma, compreendemos ser papel do professor em regência de sala efetivar estes direitos de forma concreta e sistemática em que o aluno possa usufruir de todas as regalias sem que aconteça perca em seu desenvolvimento e aprendizagem.

As DCNEI ainda afirmam “...as interações e as brincadeiras, em especial as de faz de conta, são os principais mediadores das aprendizagens da criança e se fazem presentes em todo o tipo de situação”, portanto, defendemos uma educação voltada para a cidadania, onde o aprendiz seja sujeito de suas próprias ações por meio de incentivos de seus professores; estes incentivos não são gerados apenas nas experiências concretas dos sujeitos em salas de aulas, podendo também ser nutrido através das teorias da educação, estas que possibilitam aos professores trazê-los para as situações concretas, configurando seu acervo de experiência teórico-prático em constante processo de reelaboração.

O principal objetivo da Educação Infantil deve ser o de “formar cidadãos sensíveis, criativos, inventivos e descobridores, capazes de criticar e distinguir entre o que está provado e o que não está” (Friedmann, 2012, p.44). Nesse ponto de vista, podemos perceber a importância dos estímulos, que devem estar fortemente presentes na prática pedagógica de sala de aula e principalmente no ambiente familiar, que é o espaço onde a criança permanece a maior parte do tempo; dessa forma, concordamos em gênero e número com o pensamento do autor supracitado em relação a formação dos cidadãos.

Ao chegar à escola, a criança já traz consigo saberes que adquiriu em seu cotidiano, e serão estes saberes degraus que galgarão esta criança a um futuro propício quando os mesmos são reconhecidos e explorados pelo professor. No entanto, quando a escola ou o professor se omite de trabalhar esses saberes que estão intimamente associados à realidade desta criança, tentando incutir conteúdos selecionados pelo próprio sistema educacional, que se baseia numa pequena amostragem da população tida como “padrão”, a criança da classe menos favorecida

tende a desconhecer esta realidade criando assim os primeiros bloqueios e dificuldades em sua aprendizagem; segundo as autoras Brandão e Leal afirmam:

É comum, nas salas de Educação Infantil, observarmos atividades de conversa, hora da novidade, contação de história, entre outras situações que buscam estimular o desenvolvimento da linguagem de uso oral. Nesses momentos, as crianças ampliam suas habilidades de uso da linguagem. Aprendem a estrutura do texto oralmente, a variar os modos de falar, a interagir de modo cada vez mais autônomo por meio da fala, aprendem a ouvir com atenção e a responder de modo ativo as perguntas que lhes são feitas (Brandão e Leal 2011, p.21).

O pensamento das autoras, nos deixa claro que em toda e qualquer sala de aula de educação infantil, sempre teremos aqueles alunos mais desinibidos que os outros com introspecções, porém, isso é pode ajudar ou não no desenvolvimento da linguagem verbal durante o processo de interação entre estas crianças. As crianças com introspecção facilita aprendizagem quando são auxiliadas na interação entre as crianças por suas professoras que são as principais responsáveis por este processo acontecer de forma saudável, processual e contínuo.

Apresentamos a seguir um breve relato sobre o percurso na linha do tempo da educação infantil buscando demonstrar seus avanços no setor educacional; em seguida abordamos o ciclo de alfabetização, em especial os anos iniciais(1º/2ºanos) que é o foco principal dessa pesquisa.

Na década de oitenta, a educação das crianças era compreendida simplesmente como amparo e assistência, foi a partir de 1988 que passou a figurar como um direito do cidadão e dever do estado com as crianças de 0 a 6 anos de idade em resposta as lutas em prol dos direitos da criança; no ano de 1996 a Lei de Diretrizes e Bases passa a reconhecer a educação infantil como parte integrante da educação básica; após estudos sobre a educação infantil, em 1998 foi publicado o RCNEI – Referencial Curricular Nacional para Educação infantil que traz os objetivos, conteúdos e as orientações didáticas para esta etapa da educação.

Em 2006, a partir de uma alteração na LDB, o ensino fundamental foi antecipado para os seis anos de idade, e no ano de 2009 através de uma emenda constitucional a educação infantil passa a ser obrigatória as crianças de 4 e 5 anos de idade; como passar do tempo, através de vários estudos, surge as Diretrizes Curriculares Nacionais para educação Infantil (DCNEI), que traz orientações significativas para o planejamento curricular das escolas.

Em 1998, foi elaborado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) no contexto da definição dos Parâmetros Curriculares Nacionais que atendiam ao estabelecido no art. 26 da LDB em relação à necessidade de uma base nacional comum para os currículos. O RCNEI consiste num conjunto de referências e orientações pedagógicas, não se constituindo como base obrigatória à ação docente (Ministério da Educação, 2006, p.13).

Somente em 2017 através da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi instituída a implantação de um planejamento curricular para toda a educação básica, trazendo na educação infantil um detalhamento sobre os principais objetivos de aprendizagem do nosso País.

Nos trechos acima mostramos com veemência um pouco da trajetória da educação infantil, seguindo a cronologia do tempo, conforme demonstra a figura abaixo os avanços, mudanças e evolução da Constituição Federal(1988), Lei de Diretrizes e Base(1996), Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil(1998), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil(2009) e Base Nacional Comum Curricular(2017).

A educação infantil é a parte mais delicada, inocente e meiga do sistema educacional, porém, é nesta fase que a criança necessita de mais atenção, pois, a criança está em desenvolvimento e descobertas, portanto, necessita de atenção especial por parte daqueles que o convivem; vale ressaltar que o professor exerce papel de grande relevância durante este percurso delicado na vida de cada criança que se encontra em processo de construção do conhecimento.

Percebemos claramente a evolução da educação infantil e seu percurso no decorrer dos anos, onde a educação infantil foi adaptando-se conforme as mudanças ocorridas na Constituição, Lei de Diretrizes e Bases, até chegarmos à revogação da Base Nacional Comum Curricular, documento que rege a educação atualmente.

A educação infantil consiste na educação de crianças, com idades entre 0 e 5 anos. Neste período, as crianças são contempladas através com uma diversidade de tarefas envolvendo a ludicidade através de jogos, brincadeiras e contações de histórias, com o intuito de incluir estas crianças no mundo da leitura e escrita; buscar alternativas metodológicas inovadoras é o ponto crucial do processo de alfabetização, pois, esse período é o início dos pilares basilares para consolidação do processo alfabético de nossas crianças.

O processo educativo alfabético acontece gradativamente conforme o desenvolvimento da intelectualidade de cada criança, portanto, temos que aprender a trabalhar com as diferentes realidades existentes em nossas salas de aulas, procurando oportunizar a todos e todas, uma educação de qualidade onde todos e todas tenham direitos e oportunidades iguais.

Percebemos que ao longo desse percurso, que a educação infantil passou por várias transformações e mudanças obedecendo uma sequência de avanços objetivando a contemplação de melhorias em todo o seguimento educacional infantil; essas transformações já estão alinhadas com a Base Comum Curricular - BNCC, que hoje é o documento oficial nacional que rege toda a educação do nosso país o qual devemos seguir.

A BNCC é o documento que define preceitos progressivos das aprendizagens que os alunos precisam desenvolver durante as etapas que compõem a educação básica e assim seguir seus estudos nos anos seguintes, portanto, a educação infantil é uma das principais etapas que rege o desenvolvimento integral da criança, ela é o alicerce principal capaz de proporcionar as crianças e adultos momentos que possam desenvolver suas habilidades em sua plenitude, fazendo com que criança tenha êxito em suas atividades durante a vida escolar.

A educação infantil é um “divisor de águas” na vida estudantil futura da criança, pois, sua relevância é de suma importância para toda a trajetória escolar, portanto, defendemos que nossas crianças tenham uma educação infantil feita com empenho e com professores qualificados, pois, ela (educação infantil) é quem determinará o futuro escolar das crianças em relação ao processo de ensino e aprendizagem por meio do desenvolvimento das habilidades físicas, cognitivas, psicológicas e afetivas.

Ao professor da infância cabe a responsabilidade de se assumir um profissional fundamentado nas intenções claras e objetivas do ensino, com formação sólida e coerente com as necessidades da criança como sujeito em processo de formação e aprendizagem. Para tanto, as ações devem ser expressas com intencionalidades objetivadas em planejamentos educativos, tendo em vista o ensino, a mediação, a aprendizagem e o desenvolvimento da criança da educação infantil (Saito E Oliveira, 2018, p. 02).

Defendemos a educação infantil como espaço de construção e descobertas, pois, é nesta etapa que a criança tem seus primeiros contatos com o ambiente escolar, desta forma, compete aos professores, criar situações em que estas possam interagir-se entre si gerando conhecimento e aprendizagem conforme as situações as quais vivenciam no espaço da sala de aula, onde os professores exercem o papel de mediadores da aprendizagem.

O primeiro impacto significativo da Educação Infantil brasileira ocorreu no ano de 1988 através da constituição federal, quando na época foi estabelecido pela constituição direito a creches e pré-escola para toda criança de zero a seis anos de idades; entendemos que a constituição é a garantia que esta criança ter acesso ao conhecimento.’

O quadro abaixo retrata o caminho percorrido cronologicamente pela educação infantil seguindo a linha do tempo em sua cronologia, demonstrando todas a evolução que a mesma tem passado durante a sua trajetória e conjuntura de legislação até o ano de 2017, todas as mudanças no percurso da educação infantil estão fundamentadas na BNCC que é o documento oficial que rege toda a educação deste País.

Quadro 1 - A LINHA DO TEMPO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

1988	A Constituição Federal estabelece o atendimento em creche e pré-escola como um dever do Estado e um direito da criança de 0 a 6 anos de idade.
1996	A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) reconhece a Educação Infantil como um segmento que promove a aprendizagem e parte integrante da Educação Básica.
1998	O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) é publicado, como parte dos documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ele reúne objetivos, conteúdos e orientações didáticas.
2006	O acesso ao Ensino Fundamental é antecipado para os seis anos de idade, por conta de uma alteração na LDB.
2009	A partir da publicação da Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009, a Educação Infantil passa a ser obrigatória para as crianças de 4 e 5 anos. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) surgem para orientar o planejamento curricular das escolas. Propõem a organização por eixos de interações e brincadeira. Além disso, traz como marco conceitual a indissociabilidade entre o cuidar e educar.
2017	A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) institui e orienta a implantação de um planejamento curricular ao longo de todas as etapas da Educação Básica. Na Educação Infantil, ela dialoga com a DCNEI, mas traz um detalhamento maior ao listar os objetivos de aprendizagem.

Fonte: autor baseado na BNCC Educação Infantil (2017).

A DCNEI aponta dois elementos básicos de fundamental importância para a evolução da criança em idade escolar: “a) uma boa relação com as famílias das crianças; b) um cotidiano onde as crianças possam interagir, brincar, conversar, construir algo junto com outras crianças e com adultos...” desta forma, compreendemos que a relação existente entre a família dos educandos e o professor é extremamente importante no processo de aprendizagem, assim, as

crianças aprendem a ter uma participação ativa através das interações em seu cotidiano; portanto, os segmentos família e escola são indissociáveis, precisam caminhar lado a lado sempre em harmonia, pois um é o complemento do outro e as brincadeiras são fundamentais para a interação, socialização e crescimento pessoal e social dessas crianças.

O campo do desenvolvimento das brincadeiras é de suma importância para o progresso das crianças, pois, é através dessa interação com o outro por meio de processos de socialização que elas estabelecem relações entre os diferentes tipos de linguagem; podemos perceber esta relação no pensamento de kishimoto(2010) ao afirmar “Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens” ; sendo assim, compreendemos que as brincadeiras é um dos elos mais saudável na vida desses crianças, pois, é através delas que a criança vai adquirindo sua maturidade e aprende a conviver em parceria com outras crianças.

É o adulto na profissão docente, que na instituição escolar ajuda a estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças e conseqüentemente é ele que organiza sua base estrutural, portanto, este deve possuir uma formação voltada para o desenvolvimento educacional infantil; desta forma, entendemos como sendo um dos papéis do educador situar o educando dentro do contexto social em que o mesmo está inserido, oportunizando-lhes situações em que este possa interagir com os outros construindo assim um conhecimento.

Crianças que ainda não dominam o sistema de escrita alfabética brincam imitando a escrita, criando histórias a partir de textos verbais e visuais. A criança reelabora, reconstrói, reformula elementos constitutivos da escrita, lançando mão da sua forma peculiar de pensar e das suas referências muito próprias sobre o mundo. Não é preciso que a criança compreenda as relações entre fonemas e grafemas para construir sentidos ao escutar a leitura de uma história ou ao elaborar narrativas a partir de um livro de imagens, por exemplo. As crianças formulam hipóteses, criam histórias, inventam sentidos, atestando assim seu protagonismo em relação ao processo de construção de conhecimentos sobre a linguagem escrita (Baptista, 2010, p. 02 e 03).

Conforme enunciado acima, compreendemos que as crianças dos anos iniciais são bastante criativas no sentido de criar situações que podem favorecer a evolução de seu processo de construção de leitura e escrita, estas, formulam palavras, frases e pequenos textos mesmo desconexos a partir da visibilidade das coisas que estão em sua volta, porém, nessa fase, não se faz necessário que elas compreendam fonemas e grafemas, pois, elas estão em processo de construção de sua própria linguagem.

A aprendizagem faz parte de um processo permanente e contínuo que permeia todo o contexto social o qual o aprendiz está inserido, favorecendo-lhes subsídios relevantes ao seu progresso educacional; portanto, faz-se necessário que o professor enquanto mediador da construção desse conhecimento esteja convicto de sua própria concepção de ensino/aprendizagem para que assim, o mesmo possa facilitar o processo de aquisição desses objetos de conhecimento: leitura e escrita no ciclo de alfabetização.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional evidenciou a importância da Educação Infantil, que passou a ser considerada como primeira etapa da Educação Básica. Dessa forma, o trabalho pedagógico com a criança de 0 a 6 anos adquiriu reconhecimento e ganhou uma dimensão mais ampla no sistema educacional, qual seja: atender às especificidades do desenvolvimento das crianças dessa faixa etária e contribuir para a construção e o exercício de sua cidadania (Ministério da Educação, 2006, p.10).

Acreditamos que através desta produção acadêmica, estamos contribuindo com melhorias para o processo de escrita e letramento no ciclo de alfabetização, pois, o diálogo gerado com os autores aqui citados traz uma nova leitura da realidade da educação básica dos anos iniciais do ensino fundamental; dessa forma, estamos fortalecendo a busca do conhecimento o qual o aluno já traz antes de adentrar os bancos escolares, onde predomine uma aprendizagem para todos e todas; o que deve prevalecer neste espaço de construção é a comunicação, e quando se fala nessa, denota-se inúmeras linguagens que devem ser para a ampliação coletiva do crescimento social e profissional de todos e todas, principalmente para a clientela que se encontra nos anos iniciais do ensino fundamental.

É sabido que o processo de alfabetização representa o alicerce fundamental das aprendizagens dos sujeitos, posto que carrega singulares saberes que são pré-requisitos às demais etapas do desenvolvimento cognitivo humano; tudo isso não corresponde a simples tarefa e de imediatos resultados, mas obedece a uma estrutura formativa complexa e de construções processuais e sociais que exigirão um perfil profissional adequado ao desenvolvimento dessas capacidades de manipulação e uso da língua escrita e falada; podemos perceber nas palavras de Magda Soares(2005) a importância da formação docente enquanto fator de aprendizagem das crianças em processo de escolarização.

É por isso, então, que é muito importante, para orientar sua atuação, que o docente saiba o que e como seu aluno conhece, isto é, que o docente domine uma teoria da aprendizagem e, no nosso caso particular, uma teoria da aprendizagem da linguagem escrita (Soares, 2005, P. 34).

Por entender a educação enquanto prática social historicamente situada e sua contribuição no desenvolvimento da humanidade é que estamos em constantes buscas de respostas para os questionamentos acima abordados; entendemos que tecer reflexões se faz necessário, pois, contribuem para as descobertas e aprimoramentos das práticas docentes durante o processo de ensino-aprendizagem de nossas crianças.

O processo de alfabetizar configura-se quando o aluno passa a conhecer as letras e aprende o seu real sentido de representação e significado; a partir desse momento a criança consegue compreender que cada conjunto de letras formam uma sílaba e que a junção das sílabas formam palavras e conseqüentemente frases e textos; assim, a criança lentamente vai consolidando seu processo de alfabetização no seu tempo, conforme seu desenvolvimento intelectual.

Compete as professoras que trabalham nos iniciais do ensino fundamental buscar estratégias inovadoras que possam envolver as crianças na construção do processo de leitura e escrita criando situações diversas que possam ser vivenciadas no ambiente educacional durante o fazer pedagógico de nossas educadoras, pois, o papel principal do docente é buscar alternativas que aproximem os conhecimentos teóricos às suas práticas de sala de aulas, proporcionando assim uma aula atrativa, dinâmica e de qualidade, onde todos sintam-se convidados a fazer parte deste ambiente acolhedor.

2.2. O PROFESSOR ALFABETIZADOR E A SALA DE AULA

Sabemos que as professoras devem estruturar seu trabalho envolvendo as crianças nas mais diversas situações, para que assim, possam entender de que maneira é formada e estruturada sua inclusão no mundo da leitura e escrita através de seu processo de alfabetização que deve acontecer logo nos primeiros anos da vida escolar da criança.

O Processo de alfabetização acontece de forma lenta e contínua com algumas adversidades que permeiam o âmbito educacional, onde geralmente são as ditas causadoras de alunos evadidos e desistentes dos bancos escolares, inclusive nos primeiros anos de escolarização dos alunos; desta forma, compreendemos que o processo de alfabetização e

letramento precisam acontecer simultaneamente por meio de metodologias inovadoras durante processo educativo coordenado por um docente alfabetizador qualificado, pois alfabetizar e letrar tem suas particularidades.

[...] o que se propõe é, em primeiro lugar, a necessidade de reconhecimento da especificidade da alfabetização, entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico; em segundo lugar, e como decorrência, a importância de que a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento – entendido este, no que se refere à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e de escrita [...] (Soares, 2003, p. 16).

No fragmento, a autora relata a importância da distinção entre alfabetização e letramento por parte do professor alfabetizador, pois o mesmo precisa ter conhecimento de ambos os conceitos para não comprometer a aprendizagem das crianças que se encontram no ciclo de alfabetização. Alfabetizar é um ato que precisa envolver os alunos nas diferentes situações do dia a dia, demonstrando a importância de cada etapa para seu desenvolvimento, onde letrar e alfabetizar acontecem em tempos diferentes com suas respectivas especificidades.

Entendemos que as professoras da educação infantil faz parte de um processo permanente e contínuo de formação, pois, este necessita de inúmeras formas metodológicas que objetiva a abordagem da criança dentro de seu contexto histórico sem que haja prejuízo na vida escolar destes pequenos seres que estão e processo de alfabetização; dessa forma defendemos uma alfabetização voltada para a integração das crianças nos diversos espaços educativos ocorridas dentro e fora da sala de aula, onde envolva a leitura e a escrita nos mais variados suportes pedagógicos existente na escola e externo a ela, pois estes materiais serão de suma importância para o desenvolvimento afetivo, psicológico e educacional das crianças.

Segundo. TEBEROSKY, COLOMER (2003), “O material da escola infantil não deveria se limitar-se aos escritos escolares, mas deveria explorar os espaços escritos nas ruas, nos bairros, os espaços domésticos e familiares, que permitem uma primeira iniciação às diversas formas de escrita”, sendo assim, compreendemos que existe uma diversidade de suportes pedagógicos que pode auxiliar o professor em sua rotina de aula, pois, jamais devemos limitar ao uso exclusivo do único material ao qual dispõe na escola.

Nossas Professoras necessitam de formações específicas para desempenhar suas funções no âmbito da alfabetização e letramento, pois, qualquer que seja a deficiência presente durante o processo de formação docente poderá vir acarretar diversos danos na vida escolar das crianças que encontram-se em processo de escolarização; a formação continuada de professores alfabetizadores necessita contemplar informações básicas sobre os diferentes tipos de textos

que serão abordado durante o processo de alfabetização, pois, serão estas abordagens que darão sustentabilidade aos anos posteriores de letramento das crianças.

O processo formativo do professor constitui-se de uma formação inicial e de uma formação continuada ou permanente, que se refere a aprendizagem mediante ações de instituições de formação ou outros espaços formativos, as quais deveriam ter um papel decisivo na promoção do conhecimento profissional e os demais aspectos da profissão docente[...] nesse contexto, a formação do professor, apresenta-se como componente necessário e importante dentre um conjunto de fatores que possibilitam ou impedem o desenvolvimento profissional e a construção da qualidade do trabalho docente (Silva, 2010, p.30).

Conforme o trecho acima, compreendemos que o processo formativo deve ser permanente e contínuo, abrangendo as diferentes áreas do conhecimento, em espaços formativos diversificados; estas formações em serviço deverão contemplar todos os professores que encontra em pleno exercício do magistério.

As professoras alfabetizadoras que atuam no ciclo de alfabetização são as principais responsáveis pelos conhecimentos basilares durante o processo de escolarização das crianças, porém, para que estas professoras tenham êxito em suas atribuições, faz-se necessário desenvolver um trabalho em parceria com setor pedagógico de cada escola, favorecendo assim o bom andamento da aprendizagem destas crianças.

Para atuar na educação infantil é necessário que as alfabetizadoras estejam em pleno alinhamento com o projeto político pedagógico da escola a qual pertencem, além de participar das formações continuadas em serviço, pois, são estas formações que oportunizam ressignificar a rotina diária por meio de inovações advindas destas formações, onde a leitura instigada pelas alfabetizadoras devem ser um dos fatores primordiais presente nas salas de aulas, pois, esta, funciona como incentivo e corrobora com o processo de desenvolvimento intelectual e aprendizagem das crianças que se encontram em processo de letramento.

A leitura é uma das principais vias de formação intelectual a que o professor tem acesso. Dessa forma, se essa atividade não é devidamente trabalhada durante a sua formação, por conseguinte repercutirá em sua ação de formador de leitores. Defendemos, embora não como aspecto única, a condição de que o professor precisa ser leitor, para formar alunos leitores (França, 2011, p. 22).

Relevantes são os anseios destas alfabetizadoras em prol de inovar sua prática pedagógicas, por isso, estão sempre em busca de incrementar suas rotinas didáticas através de

sustentabilidade nas teorias adquiridas durante seu processo de formação enquanto profissionais da educação, por isso, se faz necessário que haja formação continuada em serviço para todas as professoras, objetivando uma continuidade no serviço desempenhado por estas mediadoras do conhecimento, pois, assim, tornam-se capazes de fazer um construto complexo com a participação de todas estas profissionais, favorecendo, principalmente aquelas em regência de sala que já conhecem o caminho pedagógico e com estas formações aperfeiçoam seu profissionalismo de forma satisfatória e com êxito.

É este conhecimento, por parte do professor alfabetizador, que lhe permitirá entender que está em decurso um desenvolvimento numa das áreas centrais implicadas na leitura (a constituída pelo conhecimento lexical e sintático) e que poderá ainda estar a decorrer numa outra dimensão linguística crucial para o processo de alfabetização, como é a fonológica. Para que estejam plenamente habilitadas a identificar sons e sílabas a partir de letras e da forma como estas se organizam em estruturas silábicas, bem como as respetivas unidades suprasegmentais, é também importante ter em consideração que as crianças, no seu processo de aquisição linguística, deparam-se com situações conflituosas, face às quais devem ser ajudadas pelo professor, com base no conhecimento das propriedades linguísticas relevantes, quanto às relações entre a fala e a escrita (Pereira, Viana e Silva, 2015, p. 13).

Percebemos no trecho acima que o conhecimento e a formação pedagógica das professoras alfabetizadoras precisam ser vasta, diversificada, coerente e prática, pois, só assim, tornam-se capazes de desenvolver e aplicar metodologias inovadoras nas aulas de cada disciplina, despertando a criatividade e autonomia na criança de forma satisfatória.

O Documento Curricular Referencial do Ceará – DCRC(2009) traz em seu esboço toda estrutura e direcionamentos dos caminhos que as escolas cearenses deverão percorrer para garantir a alfabetização na idade certa das crianças que se encontram nos anos iniciais do ensino fundamental, este documento enfoca o currículo e suas dimensões demonstrando a importância da relação intrínseca existente entre o professor que ensina e a criança que aprende através das diversas situações as quais estão inseridas.

A criança é o centro do planejamento curricular que aprende e se desenvolve por meio de interações, relações e nas práticas cotidianas, requer-se também que o professor seja considerado como uma importante referência para as crianças, um parceiro, um promotor que garantirá experiências ricas e significativas, que possibilitem o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, com ludicidade, significação e continuidade.(DCRC, 2019, p. 134)

Percebemos no enunciado acima que a criança é o centro do processo curricular que aprende e se desenvolve através das interações do cotidiano, onde a presença do professor é de

extrema importância, pois, será ele, o personagem principal que irá administrar as diversas situações ricas e significativas vivenciadas pelos alunos.

Por entendermos a educação enquanto prática social historicamente situada e sua contribuição no desenvolvimento da humanidade é que estamos em constantes buscas de informações; entendemos que tecer reflexões se faz necessário, pois, contribuem para as descobertas e aprimoramentos das práticas docentes durante o processo de ensino-aprendizagem de nossas crianças.

Defendemos uma alfabetização voltada para a integração das crianças nos diversos espaços educativos ocorridas dentro e fora da sala de aula, onde envolva a leitura e a escrita nos mais variados suportes pedagógicos existente na escola e externo a ela, pois estes materiais serão de suma importância para o desenvolvimento afetivo, psicológico e educacional das crianças.

Sabemos que para alfabetizar uma criança não é uma tarefa fácil, pois, exige compromisso, seriedade e determinação entre a professora alfabetizadora e a criança que se encontra no processo abecedário; para isso se faz necessário de uma boa formação pedagógica, além de uma diversidade de suportes pedagógicos que contribui de forma significativa com o sucesso durante o processo de escolarização das crianças no ciclo de alfabetização. (Nóvoa, 1995, p.78) afirma que “mais do que os vários outros tipos de professores, os alfabetizadores precisam de uma formação especial, mais sólida e sofisticada, dada a importância e a complexidade de seu trabalho”; dessa forma, compreendemos que a tarefa do professor alfabetizador é bastante ampla e complexa, pois, este, necessita muito além de sua formação geral, porque somente com a formação da universidade, acreditamos que este profissional ainda não está preparado e qualificado o suficiente para assumir uma sala de aula no ciclo de alfabetização, haja vista que se trata de uma clientela muito delicada que está em processo de aprendizagem.

Percebemos claramente isso num trecho de um artigo escrito por (Pereira, Viana e Silva, 2015, p.02), ao afirmar que “Os futuros professores dão um forte indício dessa complexidade quando confessam abertamente o seu enorme receio de enfrentar a experiência de ensinar as crianças do 1º ano a ler”. Compreendemos que esta é a realidade de algumas professoras pertencentes aos Sertões de Crateús, que acabam assumindo o compromisso de alfabetizar sem mesmo possuir a real clareza do verdadeiro teor do processo de alfabetização propriamente dito, o que desconfigura plenamente o processo de alfabetização tornando-o vazio e sem nexo de sua real tarefa de alfabetizar.

Entendemos que a escola é um espaço educativo, saudável e acolhedor, onde se constroem aprendizagens diversas; onde, estas deverão ser significativas para a vida de nossos estudantes, pois, a ausência do espaço reflexivo na escola compromete as relações democráticas

e críticas no ambiente escolar (Franco, 2012). Dessa forma, acreditamos que a ausência deste espaço educativo pode trazer possíveis entraves na vida de nossas crianças que se encontram nos anos iniciais do ensino fundamental.

Freire (2001), nos diz que há um processo a ser considerado na experiência permanente do educador; no dia-a-dia ele recebe os conhecimentos, conteúdos acumulados pelos sujeitos, o aluno, que sabe e lhe transmite. Neste sentido, compreendemos que ensinar não se resume apenas em transmitir conhecimento e conteúdos aleatoriamente, mas, esses ensinamentos precisam ter uma intencionalidade e mediação entre educando, educador e sociedade, pois, a prática educativa é muito complexa e permanece em constante transformação.

O processo de alfabetização da criança promove a socialização e a aprendizagem na medida em que ocorre novas trocas simbólicas através da interação e comunicação entre as crianças e seus parceiros, que são os colegas de sala e as professoras com suas rotinas no cotidiano da sala de aula, para Soares (2001):

[...] a função da escola, na área de linguagem é introduzir a criança no mundo da escrita, explorando tanto a língua oral quanto a escrita como forma de interlocução, em que quem fale ou escreve é um sujeito que em determinado contexto social e histórico, em determinada situação pragmática, , interage com um locutor, também um sujeito, e o faz levado por um objetivo, um desejo, uma necessidade de interação (Soares, 2001, p. 13).

Desta forma, compreendemos que a função da escola no que diz respeito a linguagem é incluir a criança no mundo da leitura e escrita, utilizando as mais variadas formas de interlocução, onde esteja presente tanto a fala quanto a escrita, pois, o importante é a criança estar inserida no mundo das relações sociais, afinal, é com elas e por elas que a criança vai construindo suas aprendizagens e consequentemente sua linguagem. Vale ressaltar, que é de suma importância que toda e qualquer ação executada em sala de aula tenha uma intencionalidade, pois, a criança precisa compreender desde cedo o real objetivo da ação pedagógica executada pelo professor no ambiente escolar, agindo assim, o professor estará construindo uma aprendizagem significativa que contribuirá para o êxito no processo de aprendizagem da criança.

Precisamos encontrar técnicas que sejam capazes de ensinar as crianças a usar sua imaginação e criatividade, pois, estes, são requisitos básicos para formação de bons leitores e escritores; a resistência do não gostar do conteúdo ensinados em sala pode fazer com que a criança não consiga aprender com facilidade o conteúdo estudado; jamais podemos esquecer

que fala e escrita são manifestações da língua, ou seja, são contínuos de uma mesma língua falada de formas distintas entre emissor e receptor.

As atividades cognitivas que ocorrem em regência de sala objetivam a interação e socialização de saberes entre as crianças que se encontram em processo de construção de saberes, estes processos, iniciam-se quando as crianças são mobilizadas por um objetivo ou esforço a ser empreendido a favor de sua própria evolução, afinal, o aluno precisa ser protagonista de sua própria história, pois ela acontece por meio de um processo lento e permanente que exige continuidade ao longo da vida profissional de cada docente.

3. ESTRUTURA E FUNCIONALIDADE DO MAIS PAIC

Apresentamos a seguir a estrutura de uma das políticas públicas elaborada, e acompanhada na educação cearense que muito tem contribuindo com o desempenho profissional dos professores do ciclo de alfabetização e a aprendizagens de nossas crianças: MAIS PAIC - Programa de Alfabetização na Idade Certa. Para falar desta política pública, precisamos revisitar o baú de memórias para melhor compreendermos sua estrutura, funcionalidade e aplicabilidade nas escolas da rede pública municipal do Ceará, lócus onde foi experienciado e aceito de forma eficiente trazendo resultados satisfatórios para educação cearense.

Somos sabedores das inúmeras estratégias elaboradas e implementadas em prol de uma formação docente direcionada a esta problemática, porém, com nosso trabalho, não estamos descartando nenhuma delas; nosso intuito ao desenvolver a referida pesquisa é somar esforços e elaborar alternativas que venham favorecer a prática docente dos professores regentes que atuam no ciclo de alfabetização.

Compreendemos que a construção e sistematização dos saberes acontece no ambiente escolar com a presença de professoras que acompanham e tem fortes contribuições no processo de aprendizagens de nossas crianças; nesta construção, porém, para que se possa ter a garantia das efetivas ações educativas profícuas, se faz necessária a efetivação e a interação entre professor/aluno, pois, estes, são os principais protagonistas de suas ações; quando não existe esta parceria entre estes segmentos, a aprendizagem discente tende a apresentar deficiências que poderão se agravar nos anos posteriores e assim comprometer todo o trabalho docente .

Em meados do ano de 2007 a educação cearense apresentava baixos índices de aprendizagem em sua totalidade, as crianças “alfabetizadas” não estavam conseguindo acompanhar os conteúdos da série seguinte, pois, estas não haviam consolidado sua aprendizagem na série anterior, apresentando assim déficit em seu processo de leitura e escrita.

Objetivando melhorias na aprendizagem destas crianças foi elaborado um projeto de intervenção que mais tarde foi transformado em uma política pública implementada em todos os municípios do estado do Ceará chamada PAIC; trata-se de uma política pública voltada para formação continuada de professores; desta forma, o governo do estado do Ceara, sancionou a Lei nº. 14.026, com data de aprovação de 17 de dezembro de 2007, que cria o PAIC, esta política que tem o objetivo de alfabetizar todas as crianças até aos sete anos de idade.

O Programa Alfabetização na Idade Certa (Paic) é uma política de cooperação entre estado e municípios promovida pelo governo do Ceará em parceria com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e instituições da sociedade civil, com apoio do governo federal, cujo objetivo é alfabetizar todos os alunos das redes públicas de ensino do estado até os 7 anos de idade. Com essa finalidade, o Paic apoia os municípios na formulação e implementação de políticas voltadas à garantia do direito de aprendizagem com prioridade à alfabetização. É uma política situada no marco do regime de colaboração, princípio previsto na Constituição de 1988. Todos os 184 municípios do estado aderiram ao programa. Esta publicação foi produzida visando compartilhar a implantação do Paic com estados e municípios brasileiros (Ceará, 2012, p. 10).

O PAIC é uma política pública voltada para o processo de equalização da aprendizagem das crianças em idade escolar que apresentam distorção entre idade e série durante o ciclo de alfabetização; esta política pública teve origem no município de Sobral, cidade que apresentava baixos indicadores nos rendimentos escolares das crianças que não consolidavam seu processo de alfabetização de forma satisfatória, apresentando déficit na construção do processo de leitura e escrita.

Nessa época, foi realizada uma avaliação externa com as crianças que se encontravam em processo de alfabetização onde os resultados apresentavam dados abaixo da média desejada; desta forma, se fez necessário e urgente elaborar propostas de intervenção objetivando amenizar a problemática que ora a educação sobralense e os demais município cearense apresentavam, portanto foi na cidade de Sobral que foi implantado o projeto piloto no setor educacional que muito vem contribuindo positivamente com a equalização da aprendizagem de nossas crianças, em especial, aqueles que se encontram no ciclo de alfabetização de nosso Ceará.

O projeto piloto tinha como foco principal o aprimoramento nos resultados das avaliações externas que no momento apresentavam uma desproporcionalidade bastante longe do esperado comprometendo as aprendizagens das séries posteriores; partindo desse pressuposto é que foram adotadas estratégias de intervenções pedagógicas destinadas a combater o desequilíbrio existente entre série/idade mediante o processo de alfabetização que não apresentava êxito em sua consolidação. Toda a logística e articulações do referido programa ficou a cargo da SEDUC através da Coordenação de Cooperação dos Municípios (COPEM), que montou toda a estrutura de fortalecimento do programa, criando equipes locais em cada município que foram as responsáveis por toda a implementação e aplicabilidade do PAIC em seus respectivos municípios.

Diferentemente de programas e ações anteriores no estado do Ceará, o PAIC é operacionalizado por meio da cooperação entre estado e município, de forma

que o estado, a partir das CREDEs, disponibiliza equipes que atuam cooperando junto ao município. Os municípios, por sua vez, possuem equipes próprias que atuam junto às escolas municipais por meio do monitoramento, a fim de visualizar a realização das metas (Costa, Ramos, 2020, p. 123).

Vale ressaltar que a Secretaria Estadual de educação do Ceará através das Coordenadorias Regionais de Desenvolvimento da educação – CREDES em parceria com as Secretarias Municipais de Educação – SME faziam todo o gerenciamento e acompanhamento do programa por meio de equipes formadas nos próprios municípios; estas equipes recebiam formações pelos consultores da Secretaria da educação do Estado do Ceará - SEDUC que posteriormente multiplicavam em suas regionais; portanto, podemos afirmar que o PAIC é uma política pública desenvolvida em parceria com o poder público municipal que tem a finalidade de trabalhar o desenvolvimento da leitura e escrita de nossas crianças em idade escolar.

O PAIC é uma política do Governo do Ceará, coordenada pela Secretaria de Educação do Estado com o apoio do Governo Federal e de parceiros governamentais e não governamentais realizadas em regime de colaboração entre estado e municípios. O objetivo é alfabetizar todos os alunos das redes públicas de ensino do estado até os 7 anos de idade. Com essa finalidade, o PAIC apoia os municípios na formulação e implementação de políticas voltadas à garantia do direito de aprendizagem com prioridade à alfabetização de crianças (CEARÁ, 2012, p. -29).

A formação inicial do Programa PAIC foi estruturado em cinco eixos distintos: Gestão da Educação Municipal, Avaliação Externa, Alfabetização, Formação do Leitor e Educação Infantil; esses eixos eram trabalhados concomitantemente, onde cada eixo tem sua especificidade em seu contexto histórico, porém, sempre articulando aos demais eixos, pois, a unificação desses eixos forma o corpo completo do projeto PAIC que enfoca o processo de formação de professores em serviço.

Inicialmente, o programa era destinado especificamente aos docentes das turmas de 1º e 2º anos do ensino fundamental, posteriormente, no ano de 2011 o referido programa foi ampliado e passou a contemplar os professores das turmas dos 5º anos e assim o programa ganha uma nova nomenclatura: PAIC+ 5; já no ano de 2015 este programa foi ampliado para todo o restante do ensino fundamental, contemplando as turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II, com esta ampliação do programa ganhou uma nova nomenclatura: MAIS PAIC, esta política pública que muito tem contribuindo com a melhoria das aprendizagens de dos alunos.

O saber docente no ciclo de alfabetização vem se aperfeiçoando a cada momento da história da educação brasileira onde aborda diversas formas metodológicas. Nesta última década, destacamos a formação docente como percurso contínuo através das formações do MAIS PAIC que muito tem contribuído com o processo de alfabetização de nossas crianças. A principal essência das formações do MAIS PAIC é qualificar os docentes que fazem a educação cearense acontecer.

O MAIS PAIC ganhou campo, forma, corpo e visibilidade nos anos seguintes até os dias atuais, no que diz respeito ao eixo da educação infantil, este que é a parte mais delicada do setor educacional tem avançado significativamente, pois, o programa traz inúmeras estratégias inovadoras que muito vem contribuindo com o progresso de nossas crianças.

No tópico seguinte iremos discorrer sobre O MAISPAIC enquanto política pública em prol do processo de alfabetização das crianças cearenses até o final do terceiro ano do ensino fundamental, período em que se acredita em consolidação do Ciclo de alfabetização.

3.1. O MAIS PAIC E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

O PAIC é uma política pública iniciada em 2007 que objetiva ampliar a equidade educacional nos anos educacionais do ensino fundamental que apresentam distorção entre série e idade dos alunos da rede pública municipal nos diversos municípios cearenses, essa metodologia a princípio trabalhava especificamente as disciplinas de Português e matemática durante o ciclo de alfabetização; o referido programa objetivava corrigir as distorções entre série e idade, especificamente dos alunos que apresentavam dificuldades na leitura e escrita; Portanto, compreendemos que a equidade na educação é o resultado de inúmeras ações desenvolvidas em salas de aulas de forma coletiva capaz de contribuir para o sucesso de experiências exitosas em todo o contexto educacional.

O programa PAIC, através de suas estratégias metodológicas e inovadoras tem conseguido equilibrar de forma satisfatória a aprendizagem escolar dos alunos pertencentes aos mais diversos lugares do nosso Ceará; embora as pesquisas tenham nos mostrado que o fator socioeconômico ainda é um grande divisor de água entre a aprendizagem escolar dos alunos e seu desenvolvimento intelectual, pois, crianças que vivem em situações de vulnerabilidades apresentam maiores dificuldades em seu desempenho intelectual; sobre a estrutura do PAIC, conforme consta no artigo Estratégias de Gestão da Educação e Equidade:

o caso do programa aprendizagem na idade certa (MAIS PAIC) publicado na Revista on line de Política e Gestão Educacional(RPGE) as concepções do PAIC estrutura-se em cinco eixos.

O Programa foi criado em 2007 como um conjunto articulado de ações que inicialmente visava garantir a alfabetização das crianças até os oito anos de idade. Essas ações foram formuladas com foco no 2º ano do Ensino Fundamental a partir de 5 eixos: 1) alfabetização; 2) avaliação externa; 3) gestão municipal; 4) Educação Infantil e 5) literatura e formação do leitor. Em 2011, o Paic foi ampliado de modo a incluir o 5º ano do Ensino Fundamental e, em 2015, o 9º ano. O objetivo dessa ampliação foi garantir a sustentabilidade da aprendizagem dos estudantes ao longo de todo o Ensino Fundamental (Muylaert, Bonamino, Mota, 2022, p. 07).

O Programa de alfabetização na idade Certa (PAIC), desde sua implementação como política pública cearense, que teve sua origem na cidade de Sobral, lócus de sua implantação, vem sendo reformulado constantemente e a ele implementados estratégias inovadoras que tem ampliado seu alcance de forma satisfatória contemplando atualmente todo o ensino fundamental(1 ao 9ºano); a priori, sua política era destinada especificamente aos alunos do 1º, 2º e 3º anos com enfoque nas disciplinas de português e matemática ; posteriormente, o referido programa foi ampliado, e no ano de 2011 passou também a contemplar as turmas do 5º ano que recebeu a nomenclatura de PAIC+5; muitas ações foram desenvolvidas em prol do bom andamento do programa que ganhou corpo e aceitação dos professores como política de formação continuada em serviço.

Já no ano de 2015, o programa foi redimensionado contemplando até as turmas do 9º ano, ou seja, passou a atender todos da clientela do ensino fundamental, no ensejo o programa passou a ser chamado de MAIS PAIC. Vale ressaltar que o referido programa tem trazido resultados satisfatórios em toda sua plenitude e abrangência, houve um grande envolvimento onde todos os integrantes que compõem esse programa.

Fundamentado no PAIC +5, em 2015, nascia um programa com uma nova roupagem, pois este era incrementado com uma mistura de PAIC/PAIC+5=MAIS PAIC, porém, muito bem estruturado e organizado com suas respectivas parcerias.

A unificação de ideias entre PAIC/PAIC+5/MAIS PAIC corroborou com o fortalecimento do programa, cujo foco principal continuava ser a alfabetizar na idade certa, sendo assim o programa apenas se fortaleceu com as parcerias que muito contribuiu com seu sucesso e sua expansão que agora passava a ser chamado de MAIS PAIC – Programa de Aprendizagem na Idade Certa; este contava com toda uma estrutura montada junto com suas

parcerias, o serviço de logística funcionava perfeitamente bem, pois, era composto por uma rede onde cada integrante desempenhava suas atribuições conforme combinado nas reuniões de coletivo que acontecia rotineiramente com toda a equipe envolvida no programa.

Sabemos que o MAIS PAIC, tem contribuindo no processo de alfabetização e letramento das crianças cearense, prova disso são as transformações ocorridas no programa PAIC durante o percurso de quase duas décadas de existência e funcionalidade, porém, somos sabedores que estas transformações e mudanças acontecem objetivando um melhoramento no processo ensino aprendizagem dos discentes.

No ano de 2023 aconteceu mais uma reformulação no programa MAIS PAIC, trata-se de uma ampliação do referido programa transformando-o em PAIC INTEGRAL, esta, é mais uma estratégia que vem ao encontro, alinhamento e implementação das políticas públicas do atual governador do estado do Ceará que em 29.03.2022 criou a LEI No 17.995, que Institui o plano de universalização do Ensino Médio em Tempo Integral no âmbito da rede pública de ensino do Estado do Ceará.; posteriormente, objetivando contribuir com o processo integral do educando criou a Lei Complementar nº 297 em 19.12.2022 que Amplia, no Estado do Ceará, o Programa Aprendizagem da Idade Certa - Mais Paic, objetivando a universalização do Ensino Fundamental em Tempo Integral da rede pública de ensino nos municípios cearenses.

Fundamentado nas informações supracitada, compreendemos que as formações continuadas em serviço relacionada ao Programa MAIS PAIC passam a integrar o PAIC INTEGRAL em todas as escolas dos diferentes municípios cearenses. Foram criados documentos norteadores para implementação do tempo integral nos municípios; estes documentos são alinhados a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, Documentos Curricular Referencial do Ceará - DCRC e o Projeto Político Pedagógico - PPP de cada escola.

3.2. AS AVALIAÇÕES EXTERNAS

A avaliação da aprendizagem sempre foi objeto de pesquisa, pois o conhecimento e a aprendizagem são práticas educativas que estão sempre em evidência para o mundo da pesquisa a consolidação dos conhecimentos adquiridos no período escolar sempre foi pré-requisito para uma futura profissão ou, continuidade de estudos e pesquisas. Muito se fala na aprendizagem de “todos” no tempo e na idade certa. Visão abordada na Constituição Federal (1988), na Lei de Diretrizes e Base – LDB Nº 9394/96, onde se lê das atribuições compulsórias dos Estados, do Distrito Federal, e dos municípios com a Educação Básica.

O município de Crateús avança passo a passo com resultados cada vez melhores nas avaliações externas com seus alunados, fruto de um trabalho planejado, organizado e executado por muitas mãos neste município. A consequência destes resultados está na qualidade dos programas qualificação profissional; nos recursos didáticos, suportes pedagógicos e nas escolas e principalmente na mão de obra qualificada direcionada especificamente ao ciclo de alfabetização - 1º e 2º ano (responsabilidade pública municipal).

É oportuno observar que a Constituição Federal (1988) Art. 205 define a educação como um “direito de todos e dever do Estado e da família”. Esta ação deve ser promovida e incentivada com a colaboração da família, escola e sociedade. Assim, o ritmo de cada escola pública no Brasil alterou sua dinâmica na busca de efetivar o processo de alfabetização e letramento fazendo o mesmo acontecer, neste contexto, compete citar aqui as avaliações em larga escala que objetiva retratar a realidade da escola sobre a capacidade intelectual de seus alunados.

Pesquisas abordam a educação sobre os mais variados vieses em busca de alternativas e aperfeiçoamento para o sistema educacional que tem se mostrado em processo permanente e contínuo de transformações; nosso objetivo ao discorrermos sobre o subtema supracitado é elencarmos uma reflexão acerca do mesmo buscando mostrar e demonstrar sua importância para a melhoria nos serviços educacionais.

Defendemos e congratulamos na profissão de educador, haja vista que a educação faz parte do processo de melhorias em todos os seguimentos de nossa sociedade. É preocupação dos estudiosos e pesquisadores da educação buscar políticas educacionais de qualidade que possam impactar positivamente nas políticas educacionais, dessa forma, discorrermos a seguir sobre as avaliações externas e suas finalidades. Para falarmos de avaliação externa, precisamos citar aqui a criação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

O Pacto foi um compromisso formal e solidário assumido pelos governos Federal, do Distrito Federal, dos Estados e dos Municípios, no período de 2012 a 2018, para atender à Meta 5 do Plano Nacional da Educação (PNE), que estabelece a obrigatoriedade de “Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental.” O PNAIC (2012) defende que a criança alfabetizada é capaz de ler e escrever palavras em diferentes situações sociais visando uma formação cidadã (Barros, 2019, P. 27).

A principal meta do pacto, era alfabetizar os alunos até o terceiro ano do ensino fundamental, por meio de estratégias inovadoras, onde posteriormente estas estratégias eram avaliadas para serem mantidas ou repensadas através de diagnósticos a fim de serem obtidos

por estas avaliações, indicadores importantes para novos direcionamentos. Os indicadores extraídos das avaliações têm como função orientar a elaboração, o monitoramento e o aprimoramento das políticas públicas, a exemplo da Avaliação Nacional da Alfabetização – ANA.

A ANA nasceu no âmbito do PNAIC e veio para monitorar o processo alfabetizador da criança. Além da prova para os estudantes, há indicadores contextuais produzidos a partir de questionários e dos dados do Censo Escolar. Os resultados da ANA compunham o SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), juntamente com a Avaliação Nacional da Educação Básica – ANEB e a Avaliação Nacional do Rendimento Escolar – ANRESC, popularmente conhecida como Prova Brasil. Conforme o documento oficial, a ANA tem como objetivo avaliar o sistema e propor melhorias (Barros, 2019, P. 29).

As avaliações externas são ferramentas que corroboram com a qualidade no sistema educacional brasileiro, estas ganharam um destaque por volta do ano de 1990 quando surgiu o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica - SAEB, que tem como objetivo avaliar o desempenho dos alunos e apresentar alternativas de intervenções pedagógicas afim de melhorar os resultados apresentados por estas avaliações.

O SAEB acontece a cada dois anos, vinculada ao SAEB, existe três avaliações que são elas: Avaliação Nacional da Educação Básica (Aneb), Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Anresc), conhecida como Prova Brasil, e pela Avaliação Nacional de Alfabetização (Ana); vamos tentar enfatizar com maior intensidade nessa produção acadêmica a Prova Brasil e a ANA (Avaliação Nacional de Alfabetização) que vem ao encontro de nossa pesquisa.

A primeira avaliação citada, trata-se da Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Anresc/ Prova Brasil) é uma avaliação censitária bianual destinada aos alunos do 5º e 9º ano do ensino fundamental; já a segunda é a Avaliação Nacional da Educação Básica (Aneb) utiliza os mesmos instrumentos da Prova Brasil, a diferença é porque abranger uma pequena amostra, essa prova é destinada para alunos das redes públicas e privadas do país, são aplicadas no 9º e na 3ª série do ensino médio; temos ainda a terceira avaliação que é destinada aos estudantes do 3º ano do ensino fundamental, ou seja, os participantes desta avaliação será os alunos que estão concluindo o ciclo de alfabetização

A avaliação ANA, é um dos instrumentos do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), a aplicação dessa avaliação tem como objetivo avaliar os alunos em seus níveis de alfabetização e letramento nas disciplinas de portuguesa e matemática durante o ciclo de

alfabetização; esta prova é aplicada com os estudantes do terceiro ano do ensino fundamental; esta avaliação foi aplicada pela primeira vez no ano de 2013 como projeto piloto.

A prova ANA objetiva "garantir que todos os estudantes dos sistemas públicos de ensino estejam alfabetizados, em Língua Portuguesa e em Matemática, até o final do 3º ano do ensino fundamental" (BRASIL, 2012), desta forma, fica compreendido que as crianças em processo de alfabetização tem a oportunidade de consolidar seu processo de alfabetização até o final do terceiro ano do ensino fundamental; nessa avaliação é diagnosticada as principais dificuldades apresentadas pelos os alunos durante seu processo de alfabetização, para em seguida propor intervenções pedagógicas apropriadas para o bom desempenho desta criança rumo ao sucesso escolar.

No Documento Básico da ANA, podemos perceber a complexidade e relevância da aplicabilidade desta prova que objetiva avaliar o desempenho das crianças do terceiro ano do ensino fundamental, período em que estaria consolidado seu processo de alfabetização.

No relatório da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) 2013-2014, produzido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), os dados indicam que os resultados medidos pelas duas primeiras edições da avaliação poderiam se transformar em um “[...] valioso instrumento de consultas e subsídios para análises e planejamentos”, e não, simplesmente, como um indicativo de eficácia ou ineficácia do PNAIC. (Brasil, 2015).

Fundamentado no ciclo de alfabetização o Instituto Nacional de Estudos e pesquisas - INEP, desenvolveu uma matriz de referência para a ANA; trata-se de um conjunto de habilidades a serem avaliadas como aprendizagens essenciais aos alunos no final do 3º ano nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática; objetivando sintetizar os conteúdos a serem avaliados ao final do percurso, foi elaborado essa matriz de referência com os conteúdos a serem trabalhados em regência de sala. A matriz de referência irá subsidiar o trabalho do professor no ciclo de alfabetização e suas peculiaridades. Esta matriz é um recorte dos saberes aos estudantes do terceiro ano do ensino fundamental que serão avaliados em suas respectivas habilidades.

Com base nos estudos sobre o ciclo de alfabetização e nas referências legais, o Inep desenvolveu a matriz de referência da ANA, ou seja, o conjunto de habilidades a serem avaliadas, consideradas como aprendizagens essenciais aos alunos no final do 3º ano, tanto para Língua Portuguesa, quanto para Matemática (Malta & Silva, 2022, p. 5).

A matriz de referência da ANA, consta o conjunto de habilidades que a criança precisa dominar para que assim possa progredir para a série seguinte; acredita-se que ao final do terceiro ano este estudante tenha consolidado seu processo de alfabetização de forma completa.

A matriz faz parte do conjunto de habilidades consideradas fundamentais aos estudantes avaliados, que contempla os alunos ao concluir seu ciclo de alfabetização. Desse modo, a “matriz de referência retrata uma opção por determinados saberes, o que não nega que possam existir outros saberes ou informações significativas sobre o fenômeno” (Brasil, 2015, p.22). Competia aos professores alfabetizadores desenvolver na criança as habilidades de acordo com a matriz de referência, fazendo uso de metodologias criativas e inovadoras com as crianças que deverão consolidar seu processo de alfabetização ao final do terceiro ano do ensino fundamental.

A análise da matriz de Língua Portuguesa revela uma visão de alfabetização limitada no âmbito do Letramento, e as informações produzidas pela ANA estão para além das concepções prescritas em seus documentos, bem como apontam a opção técnica e política dos agentes formuladores em priorizar habilidades instrumentais da leitura e escrita (Malta & Silva, 2022, p. 7).

Podemos perceber pela matriz de referência que a ANA era composta somente por dois eixos estruturantes: leitura e escrita, onde suas habilidades objetivavam principalmente com maior ênfase o desenvolvimento das habilidades relacionados a leitura, pois, essa criança deverá concluir o ciclo de alfabetização com uma boa fluência leitora e compreensão desta leitura. O resultado da aplicabilidade da ANA apresentou desempenhos preocupantes, pois, as crianças não estavam conseguindo concluir seu ciclo de alfabetização conforme desejado.

A elaboração da matriz de referência da ANA teve como base documento oficial e contribuições de pesquisadores da área que através de suas pesquisas contribuíram na elaboração deste valioso documento que serviu como referência para possíveis intervenções pedagógicas para os alunos que apresentaram resultados insatisfatórios na referida avaliação.

A matriz de referência da ANA 2013 desempenhou um papel pertinente na avaliação da alfabetização em Língua Portuguesa no Brasil; foi um instrumento fundamental para apontar melhorias nesse processo, orientando o ensino, padronizando a avaliação, identificando necessidades, subsidiando políticas públicas e promovendo o diálogo entre escola e família favorecendo resultados satisfatórios no futuro.

Segue abaixo a matriz de referência que serviu como base para elaboração e aplicabilidade da prova ANA no ano de 2013; nesta matriz, consta os dois eixos estruturantes com suas respectivas habilidades.

Quadro 2 - MATIZ DE REFERÊNCIA DA ANA – 2º ANO

Eixo Estruturante	Habilidade
Leitura	H1. Ler palavras com estrutura silábica canônica
	H2. Ler palavras com estrutura silábica não canônica
	H3. Reconhecer a finalidade do texto
	H4. Localizar informações explícitas em textos
	H5. Compreender os sentidos de palavras e expressões em textos
	H6. Realizar inferências a partir da leitura de textos verbais
	H7. Realizar inferências a partir da leitura de textos que articulem a linguagem verbal e não verbal
	H8. Identificar o assunto de um texto
	H9. Estabelecer relações entre partes de um texto marcadas por elementos coesivos
Escrita	H10. Grafar palavras com correspondências regulares diretas
	H11. Grafar palavras com correspondências regulares contextuais entre letras ou grupos de letras e seu valor sonoro
	H12. Produzir um texto a partir de uma situação dada

Fonte: Documento Básico – Avaliação Nacional da Alfabetização (2013)

È nesse contexto, meio a esses desafios de aprendizagens que as crianças são incentivadas e convidadas a adentrar ao mundo da leitura, escrita e raciocínio lógico, favorecendo assim o seu desenvolvimento intelectual; desse modo entendemos, que o diagnóstico ANA além de servir para avaliar o nível de aprendizagem dos estudantes, também serve para que estes compreendam desde cedo que a avaliação é parte integrante do processo de aprendizagem.

Abaixo, apresentamos as matrizes de referência do 1º ano e a matriz de referência do 2º ano utilizadas nas aulas do professor Adonis no ano de 2023; essas matrizes serviram

como norte teórico metodológico para o professor organizar suas aulas conforme os conteúdos listados nas referidas matrizes; lembramos que estas matrizes são documentos estruturados e fundamentados com os conteúdo trabalhados em sala de aula que serão explícitos e retomados nas avaliações diagnósticas aplicadas nas salas avaliadas por meio das avaliações externas.

Fundamentados nas matrizes de referência, os professores, organizam seus conteúdos de forma mais direcionada, conforme serão explicitados e exigido nas provas; abaixo relacionado seguem as referidas matrizes:

Quadro 3 - MATRIZ DE REFERÊNCIA – PORTUGUÊS – 1º ANO

MATRIZ DE REFERÊNCIA DE LÍNGUA PORTUGUESA 1º ANO	
EIXO I - APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA	
1.1 QUANTO AO RECONHECIMENTO DE LETRAS	
D1	Identificar letras entre desenhos, números e outros símbolos gráficos.
D2	Reconhecer as letras do alfabeto.
1.2-QUANTO AO DOMÍNIO DAS CONVENÇÕES GRÁFICAS	
D3	Identificar as direções da escrita.
D4	Identificar o espaçamento entre palavras na segmentação da escrita.
D5	Reconhecer as diferentes formas de grafar uma mesma letra ou palavra.
D6	Identificar rimas.
1.3- QUANTO AO DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA	
D7	Identificar o número de sílabas de uma palavra.
D8	Identificar sílabas canônicas (consoante / vogal) em uma palavra.
D9	Identificar sílabas não canônicas (vogal, consoante / vogal / consoante, consoante / consoante/vogal etc.) em uma palavra.
EIXO 2: LEITURA HABILIDADES RELACIONADAS À LEITURA DE PALAVRAS	
2.1 QUANTO À LEITURA DE PALAVRAS	
D10	Ler palavras no padrão canônico (consoante / vogal).
D11	Ler palavras nos padrões não canônicos (vogal, consoante/vogal/consoante, consoante / consoante / vogal etc.).
2.2-QUANTO À LEITURA DE FRASES	
D12	Ler frases.
2.3-QUANTO A LEITURA DE TEXTOS	
D13	Localizar informação explícita em textos.
D17	Reconhecer o tema ou assunto de um texto ouvido.

Fonte: <https://adonisdutra.com.br/category/1-ano-ensino-fundamental/> (2023)

Quadro 4 - MATRIZ DE REFERÊNCIA – PORTUGUÊS – 2º ANO

MATRIZ DE REFERÊNCIA DE LÍNGUA PORTUGUESA 2º ANO	
EIXO I - APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA	
1.1 QUANTO AO RECONHECIMENTO DE LETRAS	
D1	Identificar letras entre desenhos, números e outros símbolos gráficos.
D2	Reconhecer as letras do alfabeto.
1.2-QUANTO AO DOMÍNIO DAS CONVENÇÕES GRÁFICAS	
D3	Identificar as direções da escrita.
D4	Identificar o espaçamento entre palavras na segmentação da escrita.
D5	Reconhecer as diferentes formas de grafar uma mesma letra ou palavra.
1.3- QUANTO AO DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA	
D6	Identificar rimas.
D7	Identificar o número de sílabas de uma palavra.
D8	Identificar sílabas canônicas (consoante / vogal) em uma palavra.
D9	Identificar sílabas não canônicas (vogal, consoante / vogal / consoante, consoante / consoante/vogal etc.) em uma palavra.
EIXO 2: LEITURA - HABILIDADES RELACIONADAS À LEITURA DE PALAVRAS, DE FRASES E DE TEXTOS	
2.1 QUANTO À LEITURA DE PALAVRAS	
D10	Ler palavras no padrão canônico (consoante / vogal).
D11	Ler palavras nos padrões não canônicos (vogal, consoante/vogal/consoante, consoante / consoante / vogal etc.).
2.2-QUANTO À LEITURA DE FRASES	
D12	Ler frases.
2.3-QUANTO A LEITURA DE TEXTOS	
D13	Localizar informação explícita em textos.
D14	Inferir informação em texto verbal.
D16	Interpretar textos não verbais e textos que articulam elementos verbais e não verbais.
D17	Reconhecer o tema ou assunto de um texto ouvido.
D18	Reconhecer o tema ou assunto de um texto lido.
D21	Reconhecer o gênero discursivo.
D22	Identificar o propósito comunicativo em diferentes gêneros.

Fonte: <https://adonisdutra.com.br/category/2-ano-ensino-fundamental/> (2023)

Nosso objetivo em trazer os quadros acima, que retrata as matrizes de referência de preparação para aplicação da prova da ANA, foi para uma melhor compreensão dos conteúdos listados em cada eixo onde os estudantes precisam consolidar suas aprendizagens de forma satisfatória e significativas durante seu processo de alfabetização.

Percebemos que nos quadros (2, 3 e 4), os conteúdos são distribuídos em dois eixos comuns de aprendizagens: leitura e escrita, onde são listadas as habilidades que as crianças precisam dominar para poder avançar para série seguinte; O quadro 2 traz o modelo aplicado na prova ANA, ou seja, as habilidades contidas neste quadro são as trabalhadas em sala na preparação dos alunos para aplicação da referida prova.

Os quadros 3 e 4 traz os eixos de leitura e escrita com seus respectivos descritores de forma semelhante, porém, vale ressaltar que trata de conteúdos referentes ao 1º e 2º ano, desta forma, observamos que a diferença existente entre as duas matrizes se dá na quantidade de descritores entre ambas, desta forma compreendemos que durante um certo tempo, tanto no 1º ano quanto no 2º ano do ensino fundamental são trabalhados conteúdos e descritores semelhantes, haja vista que estes são complemento ou continuidade um do outro. O quantitativo de descritores é o que faz a diferença, pois, no segundo ano, consta um número maior de descritores a ser consolidado.

Percebemos claramente que todas as matrizes elaboradas e trabalhadas em sala estão no mesmo alinhamento, dessa forma, compreendemos que há uma uniformidade na seleção dos descritores e habilidades listados na preparação de nossos estudantes para estas avaliações externas.

Temos que ter consciência que a matriz de referência é apenas um recorte de um conjunto de conhecimentos que deve ser trabalhado pelas professoras por meio de inúmeras estratégias pedagógicas, documento básico, onde estes, jamais podem servir de parâmetros para substituir os conteúdos contidos no plano anual de cada escola; lembramos ainda que a escola possui outros instrumentos que podem e devem ser usados como aprendizagens complementares para estes estudantes.

Sabemos da importância destas avaliações externas para o incentivo e aprendizagem dos estudantes, porém, também temos que ter consciência que por trás dessas avaliações existe o interesse da escola em obter um bom desempenho, pois, é através dos resultados destas avaliações que a escola é contemplada com recursos financeiros que deverá ser investido na compra de equipamentos permanentes, materiais de consumo e melhorias na estrutura física da escola.

Alves e Silva (2020) traz uma reflexão sobre os resultados e objetivos do SPAECE enquanto Avaliação da aprendizagem, onde não deve considerar apenas as aprendizagens dos descritores de português e matemática, pois, todas as disciplinas tem sua importância no processo educacional de aprendizagem, portanto, focar apenas nos descritores da prova pode acarretar muitas implicações na prática docente dos estudantes.

Sendo assim, as políticas de responsabilização objetivam fazer com que o professor se empenhe mais em prol da aprendizagem dos alunos, porém, essa aprendizagem estar relacionada a um propósito: aprender o que será cobrado nas avaliações externas e isso pode limitar o currículo, pois o foco deixa de ser o desenvolvimento integral do aluno e passa a ser apenas o desenvolvimento de habilidade requeridas nas determinadas avaliações (Alves, Silva, 2020, P. 180).

Conforme o dito acima, entendemos que os professores não podem centralizar seus ensinamentos apenas nos descritores abordado na prova das avaliações externas, pois, agindo assim, estará deixando uma lacuna na vida escolar dos estudantes, comprometendo a aprendizagem nas demais disciplinas da grade curricular, portanto; o professor precisa ficar atento para não comprometer as aprendizagens futuras dos estudantes.

Na seção seguinte, discorreremos sobre a experiência do programa MAIS PAIC nos Sertões de Crateús, locus onde tem apresentados resultados satisfatórios em sua aplicabilidade apresentando uma excelente aceitação por parte dos professores alfabetizadores além de apresentar resultados satisfatórios na aprendizagem de nossos estudantes.

3.3. O PAIC NOS SERTÕES DE CRATEÚS: UMA EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS

Crateús é uma cidade com aproximadamente 75 mil habitantes (IBGE, 2010), localizada no interior do estado do Ceará, sua economia é baseada no comércio local, trata-se de uma cidade polo, pois, aqui se localiza toda a economia da região, temos 53 escolas municipais que oferta o ensino fundamental para crianças e adolescentes deste município contemplando o quantitativo de 10.127 estudantes matriculados no ensino fundamental que é de responsabilidade do poder público municipal.

Em Crateús temos a Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação – CREDE 13, órgão responsável pela educação de todo o ensino médio da região, além de manter uma forte parceria com a SME de nossa cidade, locus de nossa pesquisa. A Crede-13 abrange os municípios: Ararendá, Crateús, Independência, Ipaporanga, Monsenhor Tabosa, Nova Russas, Novo Oriente, Quiterianópolis e Tamboril, onde todos estes municípios são contemplados com

as formações do MAIS PAIC; porém, essa pesquisa deteve-se sua realização no município de Crateús com um quantitativo de quatro professoras do quadro efetivo da SME.

O diagnóstico prévio do nível de aprendizagem dos estudantes no ciclo de alfabetização faz com que professores alfabetizadores trabalhem de modo integrado as metodologias advindas no PAIC – Programa de Alfabetização na Idade Certa e no PNAIC - Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (o 1º criado em 2007 no Ceará e o 2º em 2012 pelo Governo Federal como a razão para a união de todos os Estados brasileiros por um país mais letrado).

O PAIC é composto por uma agenda múltipla de ações do governo do estado do Ceará e nele articulam-se, ao nível da escola e dos sistemas municipais de educação, metas e metodologias próprias para consecução das diretrizes propostas. Nisso, suas ferramentas de acompanhamento e monitoramento inserem-se numa “cultura de ação cíclica” que tem na avaliação externa seu eixo estruturante (Costa, 2020, p. 26).

Temos resultados satisfatórios na aprendizagem escolar das crianças que se encontram no ciclo de alfabetização, esses resultados são possíveis graças ao programa que qualificou e qualifica os docentes que se encontram na regência de sala. Para tanto, citamos o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, que posteriormente foi ganhando uma nova configuração e nomenclatura PAIC/PNAIC/MAIS PAIS e hoje PAIC INTEGRAL que fez e faz uso de estratégias inovadoras nos Sertões de Crateús, e também no Ceará. Esse esforço coletivo fortaleceu o ciclo de alfabetização através de formação continuada, contemplando principalmente os professores em regência de sala que atuam no ciclo de alfabetização e nas formações continuadas do MAIS PAIC por meio da parceria da CREDE-13 e SME do município dos Sertões de Crateús.

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é uma política pública fundamentada na formação dos professores alfabetizadores. No Ceará, o pacto foi organizado e coordenado através da Universidade Federal do Ceará (UFC). Os 184 municípios cearenses foram divididos em Polos (micro/regiões), onde cada Polo ficou responsável para desenvolver atividades que possam contribuir com o desenvolvimento e aprendizagens futuras.

Além deste arranjo dos atores estaduais e municipais, há também a articulação com o Ministério da Educação. Também integra este processo de implementação, parceria estratégicas com a UFC, o Unicef, a Associação para o Desenvolvimento dos Municípios do Estado do Ceará (APDM/CE), o Feic,

a Aprece, a União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação (Uncme), a Undime e a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), editoras de materiais didáticos e consultorias de apoio (Cruz, Faráh, Ribeiro, 2020, p. 14).

Os formadores foram selecionados pela IES para acompanhamento dos orientadores de estudos de cada Secretaria de Educação dos municípios em suas respectivas áreas de conhecimento que foram divididas em:

- ✓ Linguagens e códigos;
- ✓ Ciências da Natureza e Matemática;
- ✓ Ciências Humanas.

A formação inicial ocorreu no ano de 2013 e os formadores selecionados tinham como atribuições o seguinte:

- ✓ Planejar, Avaliar, e Ministrar Estudos;
- ✓ Realizar validação de Cadastros dos Orientadores e Professores Alfabetizadores no sistema do MEC;
- ✓ Monitorar a frequência, participação e as avaliações dos Orientadores de estudo no SisPacto;
- ✓ Acompanhar atividades dos orientadores de estudo e professores alfabetizadores;
- ✓ Organizar os seminários ou encontros para avaliação das formações.

O pacto é constituído por material, referenciais curriculares e pedagógicos disponibilizados pelo Ministério da Educação e Cultura - MEC, em 08 cadernos com 32 unidades para cada curso com textos teóricos sobre os temas da formação, relatos de professores e sugestões de atividades. 01 Caderno de Educação Especial: a Alfabetização de crianças com deficiência: uma proposta inclusiva, livros didáticos aprovados no PNLD, livros de literatura do Programa Nacional de Biblioteca na Escola, jogos de alfabetização e cadernos da Provinha Brasil, livros do PNBE do professor/coleção explorando o ensino e coleção com indagações sobre o currículo.

Crateús foi a cidade Polo escolhida para as formações, ocorridas em 2013 estas formações eram coordenadas no referido município por uma supervisora que era responsável por toda a logística durante as formações. Nos encontros formativos contamos com a presença de orientadores de estudo da SME, membros da Secretaria de Educação e coordenadores do núcleo de educação dos municípios atendidos.

O ciclo de formação continuada efetivou-se sobre a responsabilidade na Universidade Federal do Ceará-UFC, Instituição organizadora do Pacto no Ceará juntamente com os Supervisores e Formadores; já nos polos contávamos com os Orientadores de estudos e em cada município contávamos com a participação dos professores alfabetizadores do 1º, 2º, 3º ano e turmas multisseriadas.

A escolha dos alfabetizadores obedeceu a critérios ligados ao Censo de 2012, afinidade com as turmas de alfabetização e estar atuando em um dos três anos do Ciclo de alfabetização do Ensino Fundamental.

O Pacto demonstrou atenção com a Educação do Campo, quando destinou para cada unidade estudada 01/um caderno específico que reflete sobre a organização das atividades pedagógicas, o currículo, os recursos didáticos e sobre o princípio metodológico da alternância, que visa estimular uma relação crítica com os saberes e experiências das comunidades atendidas.

Os projetos e programas criados em prol do bom andamento para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças cearenses evidenciam as preocupações de todos os educadores envolvidos com os resultados obtidos nas avaliações internas e externas; ao tratarmos da formação docente, estamos mostrando a ação como um ponto de partida e de chegada; uma janela para reflexão clássica dos processos didáticos enfatizando o ciclo de alfabetização como objeto de estudo sério e comprometido com a real democratização da escola, com acessibilidade de todos os estudantes a uma educação de melhor qualidade.

Avaliar, ser avaliado, saber conhecer, saber pensar e saber intervir são princípios consideráveis para continuarmos na caminhada em busca de experiências exitosas em nossas escolas; dessa forma, compreendemos que o processo avaliativo se faz necessário para o progresso de nossas atitudes frente às ações que desenvolvemos em nosso profissionalismo.

Compreendemos que o percurso feito durante todo o corpo deste trabalho faz parte do processo de crescimento profissional e de aprendizagem; pois, seria impossível falar de formação de professores e melhorias na docência sem que fizéssemos uma contextualização sobre as diferentes temáticas abordadas durante a escrita deste trabalho.

Entendemos que toda essa problemática, as quais abordamos, faz parte do contexto social dos professores que compõem o cenário dos educadores que compartilham os mesmos saberes e desafios disseminados nas diferentes vertentes em que encontram inseridos; são eles os protagonistas do processo educativo que buscam metodologias inovadoras para facilitar o processo ensino/aprendizagem das crianças que se encontram nos anos iniciais do ensino fundamental em busca de conhecimento e aprendizagem.

3.4. O ENCONTRO DO PAIC COM A PEDAGOGIA TERAPÊUTICA

Atualmente, muitas ações educativas são elaboradas em prol do andamento do processo ensino/aprendizagem, principalmente no que diz respeito aos conhecimentos basilares das crianças que se encontram nos anos iniciais do ensino fundamental, porém, sabemos que nem sempre temos êxito nestas estratégias, pois, na maioria das vezes, a política aplicada no setor educacional tem foco na formação das professoras, o que de fato é de grande relevância para o setor educacional, porém, acabam deixando o personagem principal deste processo a margem destas formações: as crianças dos anos iniciais.

Para obtermos êxito na construção do processo de escolarização das crianças que se encontram nos anos iniciais, necessitamos cuida-las de forma acolhedora, sem perder de vista a complexidade do contexto e do ambiente educacional favorável ao desenvolvimento integral de sua personalidade, ressignificando seus saberes basilares em prol de seu crescimento.

Partindo da premissa que a criança necessita de cuidados, pois, a mesma ainda estar em processo de desenvolvimento de sua própria personalidade e adentrando ao universo das letras, especificamente nos anos iniciais, é que apresentaremos a seguir uma teoria desenvolvida em Portugal, pouco conhecida ainda no território brasileiro, mas de forte relevância para a complexidade do desempenho escolar das crianças; essa teoria ajudará no desenvolvimento dos alunos de forma integral; haja vista que ela trabalha a saúde mental da criança em sua plenitude.

O estudo em foco se apoia no contexto histórico da teoria desenvolvida por João dos Santos, que pertence a segunda geração dos Psicanalistas ligado a Freud, grande pesquisador que desenvolveu trabalhos nas áreas da neurologia, psicologia, psicanálise e na pedagogia com intuito de compreender o comportamento e acompanhar o desenvolvimento da criança nas diferentes fases que a mesma passa durante a formação de sua personalidade e aprendizagem escolar. Tal aproximação com a temática se deu por conta das reflexões abordadas sobre o processo de aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental através das formações do MAIS PAIC, assunto elencado durante o desenvolvimento das pesquisas teóricas na produção desta dissertação.

João Augusto dos Santos, nasceu a 15 de setembro de 1913 em Lisboa/Portugal, onde atuou como médico psiquiatra, psicanalista e pedagogo, transformando-se em um dos mais importantes defensores da saúde mental infantil no século XX; seu trabalho ultrapassava a simples tarefa das práticas psiquiátricas tradicionais, pois seu desejo era estabelecer o equilíbrio desenfreado existente em crianças e adolescentes.

O ponto de partida para este diálogo se respalda na Pedagogia terapêutica Santeana, que apresenta uma base conceitual densa com inúmeras respostas as indagações as quais sempre existiram como lacunas obscuras nas leituras sobre o processo de construção da aprendizagem no ciclo de alfabetização. Por meio desta teoria transitando por diversas áreas da aprendizagem João dos Santos desenvolveu estudos e pesquisas sobre o universo da criança para explicar que de nada adianta ter inúmeras formações e qualificações sem que as mesmas aconteçam de forma interligada com o modo de vida e a forma simples de aprender. As formações continuadas precisam estar direcionadas a necessidades dos professores dos anos iniciais no processo de alfabetização.

Dessa forma, apresento a teoria santeana como um viés inovador nas formações continuadas de professores, pois, ela(teoria) trabalha a criança em sua plenitude; essa teoria é estudada aqui no Brasil pela professora Patrícia Holanda que coordena um grupo de estudos na UFC. A Pedagogia terapêutica objetiva aprofundar para conhecer o universo real da criança a fim de compreendê-la em sua complexidade nas mais diversas dimensões para que assim, ele possa apresentar resultados exitosos em sua aprendizagem.

- 1 – É uma atitude face às crianças com problemas escolares;
- 2 – Não é ciência, mas uma orientação;
- 3 – É não directiva na observação, mas directiva na intervenção;
- 4 – Intervenção a curto prazo (máximo 1 ano escolar);
- 5 – Averigua onde está o ponto de fractura que impediu o processo de aprendizagem;
- 6 – Actua de forma mais directa do que a classe regular portanto eventualmente sem “instrumentos intermediários” como a escola regular;
- 7 – Implica a penetração Pedagogia-Psicologia;
- 8 – Pode ser encarada como psicoterapia em sentido lato, mas é preferível que seja concebida como pedagogia;
- 9 – Utiliza métodos de pedagogia correctiva utilizados com todos os deficientes motores, sensoriais e intelectuais;
- 10 – É uma orientação para a investigação (Santos, 2021, p. 171 e 172).

Pelas informações acima, percebemos que a teoria terapêutica funciona de maneira simples, porém, muito construtiva e significativa na vida das crianças, pois trata-se de orientações bastantes pertinentes para aqueles que no momento apresentavam algum tipo de bloqueio em seu processo de desenvolvimento, estas práticas são advindas da teoria Santeana que norteiam as práticas desenvolvidas no Centro Doutor João dos santos - A Casa da Praia, local onde Santos desenvolveu inúmeras atividades exitosas para o campo do desenvolvimento.

Os primeiros anos da criança no ambiente escolar são cruciais para sua aprendizagem e seu desempenho educacional, pois, a criança estar adentrando a um espaço novo com pessoas

desconhecidas; esse é um grande desafio para a criança e para o professor que estar lhe recepcionando, pois, trata-se de uma situação delicada para ambas as partes, onde cada integrante desse grupo irá se adaptar a nova realidade.

Ao entrar para a escola, a criança da nossa civilização está muitas vezes deformada e inibida por condicionamentos familiares que dizem respeito ao uso de certos instrumentos e materiais. Daí resulta a necessidade do conhecimento da evolução infantil antes da escola, mesmo da parte dessa evolução que diz respeito aos primeiros passos da criança na vida. Tendo esse conhecimento, pode o pedagogo permitir e facilitar certos *movimentos de regressão*, capazes de ajudar a criança a reencontrar o caminho perdido e a libertar-se das inibições resultantes de preconceitos culturais do seu grupo (Santos, 1957, p. 43-44).

Percebemos nas palavras de Santos, que a criança pode chegar a escola já trazendo certos bloqueios que faz parte de sua própria história de vida, o que irá dificultar sua aprendizagem caso o professor não tenha conhecimento destes bloqueios; é tarefa do professor buscar informações da história de vida de seus alunos, para melhor compreender seu comportamento e direcionar suas aprendizagens futuras; portanto é fundamental que durante a formação os professores, adquiram esta consciência de suas necessidades formativas, pois, muitas vezes os alunos não progredem por traumas incorporados em anos anteriores e desconhecidos pelo atual regente de sala, o que dificulta e retarda o avanço intelectual do educando ainda nas séries iniciais, podendo, inclusive, causar prejuízo no processo de desenvolvimento desta criança.

Temos a compreensão que sem mentes saudáveis não há aprendizagem, sendo assim, entendemos que para acontecer aprendizagem, se faz necessário que nossas crianças estejam com mentes saudáveis e que os professores também tenham esta compreensão junto ao contexto de sala de aula.

As formações continuadas em serviços direcionadas às professoras, geralmente são elaboradas e embaladas por técnicos das secretarias das SMEs que na maioria das vezes pouco conhecem o chão da sala de aula e as realidades dos alunos matriculados, sendo assim, compreendemos e discordamos ao mesmo tempo desse tipo de trabalho com enfoque meramente conteudista, esquecendo o processo de formação humana vivenciado por nossas crianças explicitamente discutido e defendido por João dos Santos; a realidade das crianças é

bastante complexa, tem inúmeras delas órfão e somos sabedores dos impactos que as formações trazem para a vida educacional dessas pessoas.

É preciso que os professores sejam capazes, antes de ensinar o que sabem, procurar saber o que a criança previamente já sabe. Parece-nos necessário dar continuidade à educação que a criança recebeu antes de entrar para a escola e que desenvolveu espontaneamente e aquilo que a escola primária ensina que deve fazer parte da cultura, mas que é essencialmente instrumento de cultura: linguagem e conhecimentos escritos (Santos, 2007-a, p. 51).

Conforme pensamento de Santos (2007), entendemos que uma das atribuições dos professores dos anos iniciais é buscar informações sobre o contexto histórico de cada criança, para melhor compreendê-lo e avaliá-lo, pois, mesmo antes de chegar à escola toda criança já possui uma história de vida que não ser ignorada. Nesta perspectiva, precisa ser estudada e estimulada, para que assim, ela possa perceber a importância que possui no seio familiar, na escola e na sociedade; estas ações funcionam como estímulos fundamentais de significado relevante para o progresso da criança e seu processo de formação social e intelectual

A teoria Santeana também busca entender a família, pois, é lá onde acontece os planos e os desencontros que perpassam a existência na vida destas crianças como marcações que serão levadas para o âmbito escolar. Sejam marcadores positivos ou negativos; estas(marcações) interferem nos processos formativos e terão consequências nas aprendizagens futuras das crianças, pois, é com elas e para superar elas que o professor deve desenvolver sua didática em sala de aula incorporando inúmeras formas metodológicas em prol do desenvolvimento e da aprendizagem dos alunos.

João dos Santos explica a relação existente entre mãe, pai e filho no convívio do dia a dia, destacando a importância da presença da família para o desenvolvimento da criança na escola. Vale ressaltar que é na família onde as crianças iniciam seu desenvolvimento afetivo, intelectual, desenvolvem suas aprendizagens, ensinamentos, medos, incertezas, emoções, amor e até mesmo o sofrimento. Para (Santos, *Apud* Branco, 2013, p. 96), “A saúde mental consiste na pessoa ser capaz de se movimentar livremente dentro de si, e os movimentos de tristeza são tão importantes como os movimentos de alegria”. Fundamentado nesse dito, se faz necessário trazer para a escola um diálogo que discuta saúde mental e educação, principalmente durante as formações de professores, pois, estes, precisam estarem preparados para apaziguar as diferentes situações que por ventura venha aparecer em sua sala de aulas.

As emoções vivenciadas pela criança fazem dessa um indivíduo mais ou menos fortalecido, haja vista que a criança está em processo de construção e formação da própria personalidade, portanto, é de extrema importância que essa criança seja acolhida na escola por profissionais qualificados e quando necessário encaminhado aos equipamentos da saúde que devem trabalhar em parceria com o setor pedagógico de cada escola.

Ressaltamos aqui a importância do papel da família na alfabetização das crianças, pois, família e escola devem caminhar juntas, andar lado a lado; os/as professoras precisam compreender seu verdadeiro papel na escola, professor não pode ocupar o papel da mãe; temos que deixar isso bem esclarecido e explícito tanto para os professores veteranos, quanto para os demais profissionais que compõem a equipe escolar.

Precisamos inovar o fazer pedagógico, principalmente no que diz respeito às formações do MAIS PAIC, pois, os professores precisam incorporar novas formas metodológicas implementando inovações em suas metodologias no ambiente escolar, porém, compreendemos que só será possível essas implementações na rotina escolar quando compreendermos que os atores principais do processo são as crianças em idade escolar que necessitam atenção e cuidados especializados através de profissionais qualificados, capazes de compreender a criança e suas dimensões; dessa forma, compreendemos que é papel do professor alfabetizador buscar metodologias diversificadas e inovadoras, a fim de transformar o ambiente escolar em um espaço, acolhedor, dinâmico e de sucesso.

Precisamos conhecer o alunado para propor alternativas favoráveis a seu desempenho, porém, também temos consciência que os estudantes apresentam um perfil de vulnerabilidade, o que fragiliza as bases da aprendizagem; as condições nas escolas atuais também deixam a desejar, quando na verdade em nossas escolas apresenta um déficit no que diz respeito a uma equipe multidisciplinar com diversos suportes pedagógicos para compreender e ajudar os alunos mediante suas dificuldades.

Faz-se necessário de mais políticas públicas voltadas a educação, principalmente destinadas às crianças que apresentam bloqueio em seu processo de aprendizagem nos anos iniciais; as escolas necessitam urgente da composição de uma equipe multidisciplinar composta por psicólogos, fonoaudiólogos, terapeuta ocupacional, psicopedagogos e professores qualificados, pois, desta forma, as crianças que apresentassem perfil desafiador à aprendizagem, possam ser acompanhadas por esta equipe multidisciplinar e consequentemente, alcançar melhores resultados e avanços em seu desenvolvimento.

Nesse sentido, precisamos estudar para conhecer a criança. Compreendê-la na condição de um sujeito com pertencimento à sociedade, que nasce e tem uma história que

precede ao nascimento, no entanto, algo que chega à escola, agregando um conjunto de fatores que sinalizaram bloqueios ou potencialidades: medos, desejos, introspecção, ansiedade, insegurança; assim também suas aptidões e desenvoltura; sendo assim, é papel da escola e da equipe trabalhar o desenvolvimento infantil de maneira integral pela escola através da equipe multidisciplinar. Algumas crianças precisam de atendimento no sentido de desconstrução dos bloqueios para que essas crianças possam superar medos e angustias e assim, seguirem construindo novas aprendizagens significativas para seu crescimento pessoal, social e cultural.

Compreendemos a pedagogia terapêutica como um componente teórico de matriz curricular que amplia a formação no curso de Pedagogia. Sua inserção nos processos formativos auxiliariam os docentes na percepção diferenciada, no atendimento personalizado em relação a aprendizagem e o processo de construção da leitura e escrita das crianças durante as séries iniciais do ensino fundamental.

Fundamentado nos estudos de João dos santos, propomos que seja incluído nas formações do MAIS PAIC, um novo eixo estruturante da educação Infantil intitulado de “O PAIC e a Saúde mental Infantil”, eixo este, que trabalharia a criança desde a sua concepção, seu desenvolvimento intelectual e seus bloqueios, medos e insegurança, haja vista que parte considerável das crianças da escola pública vive em estado de vulnerabilidade social, enfrenta conflitos com consigo e ou com a família, o que reflete na escola ocasionando sérios problemas na aprendizagem escolar; dessa forma, a Pedagogia Terapêutica de João dos Santos funcionaria como eixo estruturante do MAIS PAIC com a funcionalidade de trabalhar essas dificuldades, por meio de sessões terapêuticas. O atendimento personalizado de acolhimento as crianças, de acompanhamento e orientação aos familiares que apresentariam possibilidades de superação das dificuldades em sua aprendizagem.

Nesta perspectiva, a pedagogia terapêutica estabelece uma relação de práxis entre a criança, a família aproximando aqueles que ensinam e aquele que precisam do ensinamento, pois, a inter-relação entre ambas as partes são de extrema importância para o desenvolvimento humano, além de estabelecer vínculos afetivos ou reestabelecer vínculos frágeis entre eles, com o propósito de reciprocidade, que ajuda no desenvolvimento da própria personalidade; “É neste sentido que João dos Santos afirma que a pedagogia, quando nela se alia rigor científico e *relação* humana, é “Pedagogia Terapêutica”. (Branco, 2010, p. 298). Desse modo, compreendemos que teoria e prática se alinham para se completar e formar uma estruturação conhecimento o qual está intimamente associado aos saberes da psicologia no trabalho das questões afetivas e emocionais.

O intuito de dialogarmos sobre a temática Saúde Mental na escola surgiu com a necessidade de resgatar a autoestima das crianças que apresentavam resistência em suas aprendizagens; assim, temos a compreensão de que a formação continuada contribuiu significativamente com o desenvolvimento do ser humano de forma generalizada.

Compreende-se que a terapia fundamentada nos escritos da pedagogia santeana não trata de medicamentos ou encaminhamentos a profissionais específicos, trata-se de carisma, afetividade, respeito, atenção, atendimento de necessidade específica, esses são preceitos que contribuem para o desenvolvimento do ser humano em sua plenitude, por isso é que estamos propondo a implantação desse eixo temático nas formações do MAIS PAIC, a fim de trabalharmos a saúde mental infantil, a partir de sua complexidade.

O Tópico que se segue, discorre informações relevantes sobre os caminhos metodológicos que percorremos durante o desenvolvimento dessa produção acadêmica científica que servirá de suporte pedagógico para os futuros pesquisadores na função professores do ciclo de alfabetização.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa- CEP através da plataforma Brasil da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa-CEP/CONEP, isso isto é, a base nacional e unificada de pesquisas que envolvem seres humanos. Acompanhamos o andamento da pesquisa e atendemos as exigências em seus diferentes estágios através de envio de relatórios e documentos inseridos *on-line* na referida plataforma para apreciação e avaliação do respectivo Comitê. A proposta de pesquisa, após algumas idas e vindas, obteve o parecer de aprovação autorizando assim a realização da pesquisa; desta forma, a proposta de aprovada e registrada na plataforma Brasil sob parecer consubstanciado de número: 6.599.665.

A pesquisa que desenvolvemos nesta produção acadêmica foi um estudo direcionado ao setor educacional, especificamente relacionado às formações do MAIS PAIC enfocando suas repercussões nas práticas pedagógicas de professoras que atuam no Ciclo de Alfabetização dos sertões de Crateús, local onde visualizaremos a problemática minuciosamente.

É no cotidiano da sala de aula, em parceria com as professoras, junto aos demais professores que atuamos e desenvolvemos aspectos sobre os quais nos debruçamos durante todo esse trabalho, a fim de torná-lo em algo relevante para aqueles que congregam a educação igualitária e de qualidade.

Este é trabalho de natureza qualitativa, em razão da complexidade do fenômeno inspirada na pesquisa colaborativa, recorreu ao método de exploração bibliográfica pois, adotou estratégias de estudos teóricos além do material das formações do MAIS PAIC e suas contribuições no percurso pedagógico dos professores alfabetizadores. Apresentamos como proposta um percurso metodológico com elementos norteadores que permearam o ambiente educacional no ciclo de alfabetização.

Desse modo, o trabalho foi realizado a partir dos pressupostos da pesquisa qualitativa em consonância com a pesquisa colaborativa-investigativa, que nos permitiu a utilização de técnicas que possibilitaram a coleta de informações buscada no lócus da investigação. Por exemplo, o reconhecimento da subjetividade dos envolvidos como parte integrante da realidade social local, “trazendo para o interior das análises o indissociável imbricamento entre subjetivo e objetivo, entre atores sociais e investigadores, entre fatos e significados, entre estruturas e representações” (Minayo, 2010, p. 60).

Esta pesquisa nos possibilitou utilizar diversas ferramentas, onde tivemos a oportunidade de observar, conversar e chegar bem mais próximo dos sujeitos investigados através da escuta de suas narrativas, o que nos favoreceu mais suportes metodológicos, onde

podemos construir um trabalho de escuta sensível, que pode contribuir significativamente na formação das professoras alfabetizadoras.

Trabalhamos com a pesquisa realizada nos moldes da abordagem qualitativa por não podermos quantificá-la. Assim, alinhamos a dimensão subjetiva a pesquisa colaborativa, que se constitui-se num instrumento relevante no que diz respeito a formação continuada em serviço durante o fazer pedagógico das professoras alfabetizadoras. Observamos a transformação da realidade apresentada por meio do diálogo e do fazer pedagógico com foco na formação continuada de professores no mundo da docência em busca de inovar sua prática pedagógica; em relação a isso (Ibiapina, 2008, p. 272) afirma que: “E nesse sentido, os docentes, junto com o pesquisador, tomam parte do processo investigativo, fazendo com que as pesquisas deixem de ser sobre o professor, passando a investigar com o professor”, desta forma a pesquisa torna-se uma ação executada tanto pelo pesquisador quanto pelo sujeito pesquisado.

Entendemos a pesquisa colaborativa enquanto instrumento relevante na formação continuada, que oportuniza as colaboradoras a refletir sobre suas práticas e a estimulá-las na construção contínua do fazer pedagógico de forma coletiva, visando à transformação do contexto o qual está senda. Estas reflexões das docentes participantes objetivaram melhorias em sua contextualização de forma que contemple todos os sujeitos envolvidos na pesquisa; trata-se de investigações que ampliou e aprofundou as interpretações sobre elementos de um ambiente pesquisado, buscamos deixar claro para o leitor o conteúdo em foco buscou a reconstrução colaborativa de práticas pedagógicas, partir da formação recebida pelas investigadas. Exploramos o conteúdo das formações e propusemos as participantes colaboradoras da pesquisa outras possibilidades de aprendizagens.

O caráter colaborativo da pesquisa deu-se por estar direcionada a temática de estudo das professoras que envolveu o pesquisador e as professoras colaboradoras; na primeira esta etapa fizemos diversas leituras com vistas ao aprofundamento das categorias teóricas e posteriormente, alcançamos as categorias de análise das temáticas pesquisadas através de leituras diversas de artigos, dissertações e monografias, fizemos também pesquisas nas principais bases de dados, tais como: Biblioteca Digital de Tese e Dissertações (BDTD) Comunidade Acadêmica Federada (CAFe) do portal de periódicos da CAPES e Google acadêmico; realizamos leituras em diversos suportes pedagógicos que nos deram sustentabilidade para conceituar a escrita sobre o objeto de pesquisa através da pesquisa bibliográfica como esclarece Severino(2007)

É aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos e teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados (Severino, 2007, p. 188).

As colaboradoras da pesquisa formaram o quantitativo de 04 professoras pertencentes a uma escola municipal localizada nos sertões de Crateús; estas professoras trabalham no ciclo de alfabetização, sendo duas lotadas nas salas do 1º ano e as outras duas na sala do 2º anos; visitamos a referida escola algumas vezes e agendamos com as professoras colaboradoras a visita para a realização das entrevistas; realizamos a entrevista com o roteiro previamente elaborado e considerando os aspectos éticos exigidos pelo CEP. Inserimos perguntas relacionadas à formação acadêmica, atuação em sala de aula, prática pedagógica, tempo de atuação na educação infantil, cursos de aperfeiçoamento na área da educação infantil e habilidades de cada profissional.

Para selecionar o público participante do procedimento da coleta de dados, adotamos como critérios técnicos e primordiais que incluíram as professoras de escola pública municipal localizada na zona urbana dos sertões de Crateús vinculadas ao programa MAIS PAIC; selecionamos apenas professoras com experiências em educação infantil e duas ligadas ao processo alfabetizador; fizemos visita à escola selecionada, onde acompanhamos a rotina de sala de aula com o propósito de compreender a prática pedagógica das professoras pesquisadas. Trata-se de uma pesquisa focada em entender aspectos pedagógicos e comportamentais docentes, bem como as ideias e conhecimentos do, pontos de vista, entre as respectivas atuações na área profissional docente, portanto, a pesquisa qualitativa faz parte do cotidiano docente.

Desse modo, entendemos que a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo, isso fica visível nas palavras de Bogdan, Biklen(1994) ao afirmar:

Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas conferem a eles (Bogdan, Biklen, 1994, p. 01).

Após visitas e observações em sala de aula, utilizamos a aplicabilidade do instrumental entrevista com as professoras regentes das salas de alfabetização que tiveram a oportunidade

de refletir sobre formações do MAIS PAIC com o intuito de aprofundar questões que durante as observações; a entrevista aplicada a estas professoras foram de fundamental importância, pois, trouxeram informações de relevância para a pesquisa, como podemos percebermos nas palavras de Almeida(2016) em relação a pesquisa:

Compreendo que toda pesquisa com entrevistas é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca. Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (o entrevistado) para o outro (o entrevistador). Ao contrário, ela é um encontro, uma interação, uma troca de ideias e significados, em que várias realidades e percepções são descobertas, exploradas e desenvolvidas (Almeida, 2016, p. 186).

Este estudo aportou ao sistema educacional formativo do MAIS PAIC contribuição teórica que oportunizou as participantes novas aprendizagens. Consideramos ainda, os saberes e experiências das participantes, pois através dele é possível formarmos os futuros sujeitos que darão continuidade a história enquanto sujeitos ativos e participativos formadores de uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

Efetivamos a pesquisa de campo através de uma entrevista com um quantitativo de quatro professoras que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental objetivando descrever de que forma essas professoras alfabetizadoras concebem e desenvolvem os conhecimentos adquiridos nas formações do MAIS PAIC e nos demais cursos, reuniões e planejamentos dos quais participam, a fim de alocar nas práticas cotidianas de sala de aula. Estas observações nos serviram para descrever e analisar a forma como os professores socializam e interagem com seus alunos no ambiente escolar.

Nesta pesquisa, a entrevista teve caráter fundamental e significativo, haja vista, que foi por meio dela, e, através do diálogo que conseguimos ampliar as informações ditas e compreender as informações não mencionadas sobre o fazer pedagógico das professoras colaboradoras.

Nesse sentido, a entrevista, um terreno bastante genérico, está sendo por nós, entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos. Num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já num outro nível, serve como um determinado tema científico (Cruz Neto, 2003, P. 57)

Conforme trecho supracitado, a entrevista compõe narrativas de experiências vivenciadas pelas professoras colaboradoras, ressaltando suas práticas educativas através de relatos verbais que foram de forte relevância para composição de nosso trabalho científico.

Nossa participação nas reuniões de planejamento da escola contribuiu para o enriquecimento do trabalho acadêmico, pois as informações coletadas serviram de parâmetros para sabermos de que forma a escola constrói alternativas de atendimento e acompanhamento de seus alunos; realizamos leituras diversas, fichamentos e pesquisas na Internet sobre o assunto em estudado.

4.1. A PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa teve como recorte geográfico os sertões de Crateús e os sujeitos participantes constituíram-se de quatro professoras efetivas que trabalham nos anos iniciais, especificamente no ciclo de alfabetização pertencente uma escola pública municipal localizadas nos Sertões de Crateús. Neste sentido, fizemos um estudo de campo referente ao objeto de pesquisa, isto é, as professoras que atuam o ciclo de alfabetização; em relação a estudo de campo GIL (2002) diz que:

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias (Gil, 2002, P.53).

O estudo de campo, conforme relatado acima, trata-se de uma observação direta das ações e atividades desenvolvidas que servirão como registros de fundamentação das explicações e posicionamentos do objeto de pesquisa. Incluímos diversas informações, a partir da ida a escola campo após a colaboração das professoras que atuam no do ciclo de alfabetização.

O trabalho de campo permite obter informações e conhecimentos sobre o objeto de estudo ou uma hipótese de pesquisa. Em geral, os investigadores utilizam vários instrumentos: entrevista estruturada, semi-estruturada, profundidade, observação, coleta de material documental e outros (Minayo, 2005, p. 157)

Fizemos uma visita a uma escola da rede pública municipal, localizada na zona urbana dos sertões de Crateús, local onde efetuamos observações, anotações e coletas de dados que foram de suma importância para o desfecho da pesquisa e para a construção da escrita acadêmica; após visita a referida escola, nos aproximamos dos gestores e de outras pessoas além das professoras por nós selecionados e convidados a participarem da pesquisa. Desta forma, agendamos um dia para cada entrevistada e disponibilizamos o roteiro com perguntas básicas relacionadas às rotinas e vivências do mundo da leitura e escrita direcionada aos professores pesquisados; o intuito foi captar delas e de todos, a partir da observação as informações necessárias para compor o objeto de pesquisa, que foi identificar aceitação e as repercussões das formações do MAISPAIC na prática pedagógica destes professores e sua aplicabilidade na rotina dos alunos que se encontram em processo de alfabetização.

As entrevistas foram realizadas em dias alternados, pois, tentamos seguir a rotina de cada professora participante conforme a sua disponibilidade, sendo assim, agendamos para cada professora um dia e horário específico a fim de atender a sua necessidade para que pudéssemos ouvi-la tranquilamente sem interrupção.

Trabalhamos com a pesquisa realizada nos moldes da abordagem na pesquisa colaborativa, e constituímos num instrumento relevante no que diz respeito a formação continuada em serviço durante o fazer pedagógico onde visa a transformação de determinada realidade apresentada por meio do diálogo com foco na formação continuada de professores; percebemos isso nas palavras de Ibiapina, (2008) ao fazer a seguinte afirmação:

A pesquisa colaborativa constitui-se então, numa pesquisa-ção emancipatória ação emancipatória, cujo modelo, considera dentre outros aspectos, o espaço coletivo como instância das tomadas de decisões, eliminando-se desse contexto as relações de poder e predominando a negociação, a colaboração e co-produção de conhecimentos, que devem acontecer num movimento dialético entre teoria e prática, através de ciclos sucessivos de reflexividade (Ibiapina, 2008, p. 136).

Buscamos compreender como as formações do MAISPAIC contempla os alunos que estão em processo de alfabetização, haja vista que estas formações são direcionadas especificamente a essa clientela que geralmente é composta por integrantes advindos de uma realidade não muito favorável e sem estímulo a seu desenvolvimento intelectual de aprendizagem; desta forma o MAIS PAIC, traz em suas formações estratégias lúdicas inovadoras por meio de inúmeras atividades e suportes pedagógicos diversos capaz de contemplar os alunos que se encontram no ciclo de alfabetização.

Esta pesquisa direcionou-se especificamente as professoras que lecionam no ciclo de alfabetização nos Sertões de Crateús, sob o quantitativo de quatro professoras alfabetizadoras, ambas pertencentes a rede pública municipal dos sertões de Crateús; sendo duas destas, pertencentes ao 1º ano do ensino fundamental e as outras duas professoras pertencentes ao 2º ano do ensino fundamental. Vale ressaltar que estas professoras foram selecionadas através dos seguintes critérios estabelecidos:

- a) Ser professoras efetivas da SME dos Sertões de Crateús;
- b) Estar em regência de sala no ciclo de alfabetização (1º ou 2º ano do ensino fundamental);
- c) Possuir quatro anos(mínimo) de experiência no ciclo de alfabetização;
- d) Ser contempladas com as formações do MAIS PAIC.

Após visitar a escola e fazer as observações, prosseguimos com a aplicação de um instrumental com perguntas direcionadas a formação profissional, campo pedagógico, metodologias utilizadas na rotina escolar; onde procuramos registrar de forma simples o cotidiano do processo de alfabetização; fizemos o uso de uma entrevista com as educadoras colaboradoras, onde conversamos de forma espontânea e leveza procurando deixar as referidas professoras a vontade acerca dos assuntos abordados, através de gravações e áudios produzidos no ambiente educacional o qual estas profissionais fazem parte.

O material coletado e analisado durante este percurso investigativo foi refletido e, constituiu-se de parte dos conteúdos aplicados nas formações e, sobretudo, o que as docentes fazem em sua docência como profissão, pois, trata-se de uma investigação que se estruturou em uma dissertação de Mestrado que depois de concluído e aprovada ficará uma cópia deste material no acervo bibliográfico da escola colaboradora da pesquisa; o referido material servirá como fundamentação teoria para os futuros pesquisadores.

4.2. O UNIVERSO DA PESQUISA E AS PROFESSORAS COLABORADORAS

A pesquisa realizada visou identificar de que maneira as professoras do ciclo de alfabetização identificam e tratam a oportunidades de receberem as formações do MAIS PAIC enquanto formação continuada e aplicarem em sua prática docente favorecendo assim o processo ensino aprendizagem no ciclo de alfabetização. Para tal, a pesquisa buscou categorizar, através de um instrumental direcionado as professoras do ciclo de alfabetização, atuação destas e diagnosticar suas práticas pedagógicas em relação a rotina de sala de aula.

Segue o modelo de perguntas que deram corpo ao instrumental formatado após entrevista realizada com as quatro professoras colaboradoras de nossa pesquisa.

- 01 – Qual seu grau de conhecimento sobre o Ciclo de Alfabetização?
- 02 – Como acontece o Planejamento direcionado ao Ciclo de Alfabetização?
- 03 – O que você entende por ciclo de alfabetização?
- 04 – Quais as principais dificuldades existentes no ciclo de alfabetização?
- 05 – Quais os suportes pedagógicos você utiliza para facilitar a aprendizagem dos alunos?
- 06 – Qual sua percepção em relação as formações do MAIS PAIC?
- 07 – Quais as reais necessidades pedagógicas dos professores do ciclo de alfabetização?
- 08 – Qual a importância das formações continuadas do MAIS PAIC?

O primeiro contato foi feito com o Núcleo Gestor da escola a qual fomos muito bem acolhidos; todos que compõem o núcleo gestor da instituição de ensino foram bastante solícitos e atenciosos conosco, eles nos agradeceram por termos escolhido essa instituição escolar para realizarmos esta pesquisa e se colocaram a disposição para qualquer informação.

Procuramos organizar a rotina em que esta profissional tivesse disponibilidade e não alterasse a rotina das entrevistadas, de modo a trazer prejuízo para os alunos ou desconforto a referida professora.

Com o roteiro de perguntas em mãos, guiamos entrevista, e tivemos o controle de também contribuir com a fala no sentido de ampliação do conhecimento trazido por elas. Abordamos algumas dimensões no desenvolvimento profissional dos professores que atuam no ciclo de alfabetização e são contemplados com as formações do MAIS PAIC. Preservamos a identidade das participantes, com o anonimato, tendo em vista, o intuito de evitar qualquer desconforto e assegurar todas as garantias de confidencialidade prevista e considerada pela ética em pesquisas na área das humanidades.

As informações coletadas durante esta pesquisa foram utilizadas exclusivamente de base para contextualização da pesquisa em relação à formação continuada em serviço objetivando melhorias na qualidade destas formações.

Consideramos que a identificação das percepções das professoras pesquisadas sobre as perguntas a elas direcionadas nesta entrevista, será de suma importância para conclusão deste trabalho, pois, possibilitará o redimensionamento da prática docente dos professores que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental e também desencadeará melhorias e aperfeiçoamentos nas formações dos formadores dos professores alfabetizadores. As formações do MAIS PAIC devem ser compreendidas como instrumentos que servem para ressignificar e

aperfeiçoar o fazer pedagógico de cada professor, levando em consideração os contextos os quais estes professores desenvolvem suas práticas pedagógicas.

Compreendemos que o percurso feito durante todo o corpo deste trabalho se fez necessário; pois, seria impossível falar de formação de professores e melhorias na docência sem que fizéssemos uma contextualização e alinhamento entre as diferentes temáticas abordadas durante a escrita desse trabalho; entendemos que todo este esforço coletivo que empreendeu as temáticas as quais abordamos, faz parte do contexto social dos professores e o ciclo de alfabetização pela busca de novas metodologias inovadoras no processo ensino e aprendizagem das crianças.

4.3. A PESQUISA E AS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

A pesquisa elucidada nestes escritos, integrou uma escola que possui aproximadamente 250 alunos regularmente matriculados e frequentando a rotina de sala de aula, no ensino fundamental, pois, trata-se de uma escola da rede pública, mantida pelo município de Crateús com localização na periferia da cidade.

A clientela dessa escola é advinda dos bairros periféricos e adjacências de comunidades que também pertencem à zona rural dos sertões de Crateús. Alguns dos estudantes são transportados por um ônibus que faz o transporte das crianças, percorrendo as comunidades até a escola.

A escola passou por uma reforma recentemente o que deixou o ambiente mais agradável, atrativo, contribuindo assim com a melhoria das condições de aprendizagem; tivemos melhorias nas estruturas físicas de toda a escola, construção de banheiros masculino e feminino, estrutura de refeitório com mobília nova, onde os alunos e alunas fazem suas refeições. A referida escola, conta com um coordenador pedagógico o qual acompanha o trabalho pedagógico desenvolvido pelos professores de forma minuciosa, sempre apresentando-lhes estratégias inovadoras que englobam a transversalidade, perpassando por as disciplinas que compõem o componente curricular. Assim como eu, ele acredita que os anos iniciais são fundamentais para a sustentabilidade para dos seguimentos dos estudos posteriores; dessa forma, compreendemos que o trabalho desenvolvido pelos professores dos anos iniciais é ou deve ser reforçado para o progresso destas crianças.

A escola possui também um diretor (gestor escolar) e uma secretaria escolar, ambos administram os problemas e resolvem demandas causadas pelas crianças e adolescentes; todos

os seguimentos da escola funciona em tempo Integral, o que proporciona mais tempo e disponibilidade para os alunos, contribuindo assim para o aprendizado.

Na escola investigada, fizemos inicialmente a sondagem em relação à percepção das professoras que atuam nos anos iniciais com a finalidade de sabermos a aceitação do programa MAIS PAIC por parte delas. Buscou-se conhecer a utilidade dos conteúdos destas formações para a aplicabilidade na rotina escolar; posteriormente, fizemos uso da entrevista, por achamos que as respostas desta entrevista unificada as informações da sondagem fortaleceriam a integralidade do desenvolvimento da pesquisa.

Na tessitura das entrevistas as respostas aos questionamentos foram acontecendo, e fluíram automaticamente, e assim, em meio a conversas, questionamentos e risadas, fomos adquirindo subsídios teóricos metodológicos das entrevistadas que nos ajudaram a compreender a importância que as formações do MAIS PAIC em sua plenitude.

Nesse contexto se faz necessário fazer uma breve apresentação do perfil das professoras colaboradoras entrevistadas para melhor compreendermos seu envolvimento com o processo de alfabetização que acontece nos anos iniciais do ensino fundamental.

As professoras colaboradoras da pesquisa formadas em pedagogia, curso que de fato qualifica para o magistério, o que facilitou suas rotinas em sala de aula e a aplicabilidade dos conteúdos listados no plano anual de cada disciplina; além da graduação em pedagogia, todas as professoras também tinham uma pós-graduação; duas professoras são especialistas em Psicopedagogia e as outras duas são Especialistas em Educação Especial; dessa forma, percebemos claramente pela formação acadêmica que o diálogo aconteceu de forma tranquila com profissionais qualificados para a atuação nos anos iniciais, principalmente no Ciclo de alfabetização, pois, estas professoras trouxeram em suas vivências histórias fantásticas e incentivadoras para aqueles ou aquelas que escolheram a docência como campo de atuação.

As professoras colaboradoras atuam nos anos iniciais em tempos distintos, esse tempo varia entre sete, oito, doze e quinze anos, portanto, estamos ao lado de profissionais experientes, que com certeza fazem a diferença na rotina desta escola; para melhor identifica-las e não identifica-las com seus respectivos nomes, iremos chamá-las com o pseudônimo: Professora A, professora B, professora C e professora D.

A professora A, é pedagoga com especialização em psicopedagogia, atua nos anos iniciais há quinze anos. Possui uma vasta experiência nos anos iniciais; a professora B é pedagoga, com especialização em psicopedagogia, possui doze anos de experiências nos anos iniciais, já as professoras C e D também pedagogas, ambas dispõem de especialização em educação especial e atuam nos anos iniciais há oito anos ininterruptos respectivamente.

Pelo perfil das professoras colaboradoras, percebemos que trata-se de profissionais com muitas vivências na profissão docente infantil, o que facilita a aprendizagem dos aprendentes, haja vista que são profissionais que já trazem em suas rotinas inúmeras experiências e estratégias pedagógicas diversificadas, capaz de fazer o processo educativo acontecer de forma lúdica e dinâmica, onde cada criança possa se desenvolver de forma positiva através da interação com todos os integrantes que compõem a escola.

4.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A seção a qual discorreremos nas linhas a seguir contém a compilação das informações as quais coletamos, analisamos e refletimos mediante o processo investigativo, incluindo as entrevistas a qual realizamos com as quatro professoras efetivas do município de Crateús.

O foco principal desta pesquisa foi refletir sobre as formações do MAIS PAIC e suas repercussões nas práticas pedagógicas dos professores do ciclo de Alfabetização nos sertões de Crateús, onde procuramos mediar um diálogo através de uma conversa informal e que posteriormente aplicamos o manuscrito com o roteiro aplicado as professoras que desenvolvem a docência nos anos iniciais. Priorizamos que fossem contempladas com as formações do MAIS PAIC, do projeto do governo federal que tem tido aceitação dos professores do ensino fundamental, especificamente daqueles que trabalham nos anos iniciais da rede municipal de ensino.

As entrevistas com as professoras colaboradoras aconteceram em dias e horários distintos, as perguntas foram direcionadas aos sujeitos separadamente de forma simples através de uma conversa sólida e prazerosa sobre o fazer pedagógico de cada professora; o local onde ocorreu esta entrevista foi na biblioteca da própria escola durante o horário das atividades das professoras; desta forma, para concretização da referida entrevista com as professoras, tivemos que comparecer a escola por várias vezes, haja vista que cada entrevistada tinha rotina de sala diferenciada com horários específicos os quais não poderiam ser comprometidos por intermédio de nossa presença na condição de pesquisador.

Todos os registros trazidos nas falas das professoras colaboradoras conforme respostas das entrevistas, foram transcritas na íntegra para o formato textual; porém, para preservar o sigilo de suas identidades e não causar nenhum desconforto as entrevistadas, mantivemos a identificação informadas anteriormente, isto é, somente por Professora A, professora B, Professora C e professora D.

Nesse contexto, achamos por bem apresentar às perguntas e já trazer as respostas coletadas a partir do direcionamento feito as professoras colaboradoras. Assim, aproveitaremos todas as falas coletadas na íntegra, pois, falar da docência é algo que me entusiasma, portanto, relatarei a conversa a seguir o diálogo com as professoras.

Durante a entrevista pontuamos vários assuntos, porém, priorizamos o que achamos mais relevante para a pesquisa, portanto, havíamos elaborado um roteiro com um bloco de oito perguntas que serviram como direcionamento para concretização e formatação da entrevista, tendo em vista o alcance dos objetivos.

Iniciamos a entrevista querendo saber o grau de conhecimento sobre o Ciclo de alfabetização das professoras, pois, é de extrema importância que as professoras dos anos iniciais tenha um certo domínio e conhecimento sobre a clientela que irá trabalhar; desta forma, acreditamos que apenas conquistar um diploma de nível superior não é suficiente para assumir uma sala de aula, pois, precisamos de embasamentos teóricos metodológicos, conhecimento, confiança e segurança ao assumir tamanha responsabilidade. Algo que se constrói ao longo da vida profissional, pois, estamos trabalhando com crianças, seres indefesos, que estão em processo de construção das principais armas dos conhecimentos: leitura e escrita.

Sabemos que o processo de alfabetização é complexo e delicado, pois, é nos anos iniciais que é construído os pilares de sustentabilidade ao o restante do processo educacional da criança que estar iniciando sua vida estudantil. Por isso se faz necessário, que o professor qualificado que tenha domínio e consciência da responsabilidade que assumi uma sala de aula nos anos iniciais.

Abaixo, retratamos o grau de conhecimento e domínio das professoras sobre a clientela dos anos iniciais conforme desenvolvem suas habilidades e profissionalismo em prol de êxito no processo de escolarização das crianças em idade escolar; o relato abaixo, sintetiza o grau de conhecimento que cada professora possui em relação ao fazer pedagógico; portanto, ao direcionarmos a pergunta sobre o grau de conhecimento sobre o Ciclo de alfabetização.

Vejamos as respostas do primeiro questionamento trazido pela professora colaboradora “A” a respeito ao grau de conhecimento e domínio em relação a alfabetização, assumiu:

“posso pleno domínio no Ciclo de alfabetização, tenho uma vasta experiência na área que atuo, pois, desde que adentrei ao mundo da educação, sempre trabalhei com a alfabetização de crianças, portanto, sinto-me segura nessa área de atuação” (Professora A).

Conforme Freire (1996) a docência é a prova viva que um bom alfabetizador é aquele que possui pleno domínio do seu papel enquanto professor e portam a capacidade de envolver a criança em suas aulas de forma que esta acompanhe todas as etapas do que está sendo ensinado em sala, para que assim, consiga desenvolver seu raciocínio e construir novas aprendizagens.

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é, assim, um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (Freire, 1996, p. 96)

As professoras B, C e D relataram que possuem algum domínio, pois, mesmo tendo uma atuação duradora no Ciclo de alfabetização, elas compreendem que outros conhecimentos se fazem necessário ser adquiridos ao longo da carreira. Para atuarem no campo pedagógico e nos disseram durante a entrevista que é sempre um desafio assumir uma turma a cada início de ano.

Percebem que elas dizem.

“Possuímos algum domínio sobre o grau de conhecimento da área de atuação; porém, percebemos a necessidade da formação contínua isso nos tranquiliza, pois, trata-se de profissionais com competências e experiência no mundo da docência” (Professoras B, C e D).

Observamos que somente a professora A, afirmou ter “pleno domínio”, pois se trata de uma professora veterana que já trabalha nos anos iniciais mais de uma década. As demais professoras compreendem que a formação contínua é importante para o desenvolvimento do trabalho docente.

Compreendemos que estas professoras acompanhadas por seus coordenadores pedagógicos e contempladas com as formações do MAIS PAIC, sem sombra de dúvidas estão desenvolvendo belíssimos trabalhos nos anos iniciais, pois, precisamos de profissionais gabaritados e atualizados, capazes de transformar o ambiente escolar em algo prazeroso e inovador para todos que o compõem, principalmente para o público da educação infantil, que é uma clientela que está adentrando ao mundo desconhecido, composto de garatuhas e números, elementos que ainda é tão desconhecido no mundo das crianças.

O questionamento seguinte está relacionada a postura das professoras em relação ao planejamento das ações educativas no ciclo de alfabetização: Como acontece o Planejamento

direcionado ao Ciclo de Alfabetização em sua escola? As professoras foram unânimes e fidedigna a uma única resposta sobre o questionamento referente ao planejamento:

“Nos planejamentos mensais da escola, de forma coletiva com as professoras e coordenador Pedagógico” (Professoras A, B, C e D).

As professoras demonstram uma postura de forma harmônica e coerente, pois, retratam, que todas as ações referente ao planejamento escolar acontecem mensalmente de forma coletiva com a participação das professoras e Coordenador pedagógico da escola, que direciona e acompanha as ativamente até a execução do que foi planejado em conjunto, portanto, esta escola demonstra parceria e trabalho coletivo em suas ações, agindo desta forma, acreditamos que a escola desenvolve um trabalho com o planejamento participativo, onde todos e todas contribuem de forma democrática com sugestões para o aperfeiçoamento de suas atividades; “Assim, o planejamento como instrumento voltado para o processo de aprendizagem serve de roteiro para as ações do professor e dos alunos em aula, e como tal, acompanha a execução diária do que foi combinado” (Masetto, 1994, P.80).

Portanto, compreendemos que a ação de planejar não se resume apenas em simples preenchimento de planilhas, mas, é uma atitude de criação e colaboração que ajudará nas ações planejadas que serão executadas pelos docentes em prol do bom andamento dos rendimentos escolar das crianças.

Sabemos que o planejamento escolar é uma ação educativa indispensável para bom andamento da rotina de sala, portanto, este se faz necessário acontecer mensalmente; na escola pesquisada percebemos que o planejamento acontece de forma coletiva, sendo direcionado pelo coordenador pedagógico da escola que acompanha as ações planejadas pelo o coletivo de professores; foram unânime as respostas dos professores ao afirmarem que o coordenador pedagógico participa ativamente desse planejamento e acompanha durante todo o desenvolvimento e aplicabilidade do plano de aula , o que deixa as professoras muito confortáveis e seguras daquilo que estão fazendo, isso funciona como ponto positivo para o serviço pedagógico desenvolvido na escola pesquisadas.

Planejar é transformar a realidade numa direção escolhida; planejar é organizar a própria ação[...]; é implantar um processo de intervenção na realidade; planejar é agir racionalmente; planejar é dar clareza e precisão à própria ação; planejar é explicitar os fundamentos da ação de grupo; planejar é pôr em ação um conjunto de técnicas para racionalizar a ação; planejar é realizar um

conjunto de ações, propostas para aproximar uma realidade de um ideal; planejar é realizar o que é importante(essencial)(Dalmás, 1994, p. 24).

Compreendemos que o fazer pedagógico é algo que precisa ser discutido no coletivo de professores, pois, é humanamente impossível praticar o ato educativo sem que o mesmo seja refletido por aqueles que fazem o processo educativo acontecer, e nesta escola percebemos que este preceito estar acontecendo de forma democrática, onde cada professora tem seu espaço para opinar e juntos construir uma educação de qualidade. É assumir a práxis, que para Freire (1996) é a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.

Aqui trazemos um questionamento sobre a compreensão de cada professora em relação a sua área de atuação, ou seja, cada professora expôs seu ponto de vista sobre o Ciclo de alfabetização enquanto educadoras dos anos iniciais; sabemos que o ciclo de alfabetização é o período que abrange os três primeiros anos do Ensino Fundamental (1º ao 3º ano), portanto, configura-se como um período crucial na vida das crianças, segundo (Freire, 2011, p.8), “Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”; portanto, a alfabetização não se trata apenas de dominar o código escrito, mas sim de desenvolver a capacidade de ler e interpretar o mundo em que vivemos; dessa forma, conseguimos captar as seguintes respostas para a pergunta: O que você entende por Ciclo de Alfabetização?

Percebemos que a resposta da professora A foi bem didática em relação ao questionamento:

“É o passo a passo em que as crianças aprendem a ler e escrever, desenvolvendo inúmeras habilidades de leitura, escrita e compreensão escrita e oral. Isso acontece especificamente aos primeiros anos do ensino fundamental” (Professora A).

Percebemos nas palavras da professora “A” que essa, se preocupa com o desenvolvimento da criança em relação a aquisição da leitura e escrita desde cedo, o que é positivo para a aprendizagem da criança.

A fala da segunda professora, apresenta uma contextualização um pouco desconexa com a primeira, pois a mesma fala que este processo deve iniciar aos cinco anos e aprofundar nos anos seguintes:

“Entendo que seja um processo que deve se iniciar aos 5 anos, ainda no pré-escolar, ocorrendo um aprofundamento dos 6 aos 8 anos, onde deve ocorrer a consolidação de todo o trabalho até, então, leitura/escrita e compreensão” (Professora B).

As respostas das professoras em relação ao questionamento aparece de forma complexa, onde cada resposta tem um direcionamento singular; percebemos que há um desencontro entre as respostas das professora A e B; a primeira fala de um “passo a passo” que “acontece especificamente aos primeiros anos do ensino fundamental”, já a segunda professora diz que “deve iniciar aos 5 anos, ocorrendo um aprofundamento dos 6 aos 8 anos”; assim, compreendo que está havendo uma descontextualização do que venha ser o Ciclo de alfabetização na visão das duas professora.

Vejamos o relato das professoras C e D:

“O Ciclo de alfabetização nos anos iniciais é compreendido como um tempo sequencial de três anos, sem interrupções, pela complexidade da alfabetização, que raramente as crianças conseguem construir saberes fundamentais para o domínio da leitura e escrita alfabética” (Professora C).

“Um professor do ciclo de alfabetização deve ter conhecimentos sobre esse processo. Conhecer bem o aluno para trabalhar diante das suas dificuldades e criando possibilidades de avanço” (Professora D).

A professora “C” deixa claro em sua postura, que a criança não pode ser interrompida o seu tempo sequencial de três anos, pois, isso pode acarretar danos futuros para a consolidação do processo de alfabetização dessa criança; esse pensamento vem ao encontro da fala da professora D, pois ambas, externaram pensamentos bem aproximados, o que significa dizer, que o trabalho nesta escola tem gerado resultados exitosos que contempla toda a clientela escolar.

A postura das professoras C e D traz um pouco de embaraçamento em seus posicionamentos, pois ambas falam de um tempo sequencial de três anos, porém, não deixam claro a forma como este processo deveria realmente acontecer durante este “tempo sequencial”

citado por elas, portanto as respostas das professoras aparecem confusas e embaraçadas. Penso que seria interessante trabalhar a temática em uma das formações do MAIS PAIC, isso iria ajudar as professoras contextualizar de forma mais clara a real definição ou conceito de Ciclo de alfabetização, e conseqüentemente os ajudaria com incrementações metodológicas em suas rotinas escolar.

Abordamos junto as professoras um questionamento sobre as possíveis dificuldades apresentadas pelas professoras em relação ao trabalho pedagógico desenvolvido no ciclo de Alfabetização. Sabemos que em toda e qualquer tarefa que nos propomos executar tem seus entraves, estes são os desafios os quais devemos buscar estratégias para superação dos mesmos; nas falas das professoras são relatadas inúmeras dificuldades, porém, todas elas fazem parte do ciclo de alfabetização e compete a nós professores buscarmos alternativas para superar estes entraves.

Em relação as dificuldades existentes no ciclo de alfabetização, elaborem os seguinte questionamento: Quais as principais dificuldades existentes no Ciclo de Alfabetização? As professoras listaram algumas ponderações que precisam serem discutidas em conjunto e com exatidão; as ponderações das professoras A e B, apresentam elementos que se complementam em seus argumentos, vejamos na íntegra o que dizem estas professoras colaboradoras:

“Uma das principais dificuldades é o reconhecimento e associação das letras, números e gravuras. A compreensão dos sons de letras, sílabas, palavras, frases e textos. A compreensão dos textos e da escrita, cada criança terá suas próprias dificuldades” (Professora A).

A segunda professora argumenta que:

“A consolidação da leitura e escrita com a compreensão, pois, muitas crianças leem e escrevem, no entanto não compreendem” (Professora B).

Percebemos que as professoras enumeram dificuldades distintas ao questionamento executado durante a entrevista como demostram as falas das professoras a seguir:

“Aprender a ler e a escrever é um grande passo, além de ser um dos processos educacionais mais importante e para algumas crianças que enfrentam dificuldades durante os processos podem ser frustrantes. É um

dos fatores mais relevantes e a postura como questões emocionais: ausência familiar, abandono, falta de incentivo” (Professora C).

Os argumentos utilizados pela professora D, são bem condizentes, ela usa argumentos sólidos e pertinentes, vejamos:

“Infrequência, frustração das dificuldades, aproximação entre família e escola, uso das tecnologias e educação inclusiva” (Professora D).

Compreendemos que a junção de todas essas enumerações de posicionamentos é parte integrante do processo permanente e contínuo que faz o ciclo de alfabetização acontecer; essa realidade é vivenciada e refletida por alfabetizadoras e alfabetizadores que semeiam a semente da aprendizagem por meio de suas ações e atuações pedagógicas nos diferentes ambientes educacionais os quais atuam com sua laboriosa missão de alfabetizar.

Entendemos que trabalhar formas metodológicas diferenciadas através de inovações na rotina pedagógica, incluindo sempre a criança como ator principal do processo educativo de ensino/aprendizagem é a forma ideal capaz de superar as possíveis dificuldades nos anos iniciais sem acarretar prejuízo no processo alfabético da criança.

Ao abordarmos o questionamento sobre os suportes pedagógicos através da pergunta: Quais os suportes pedagógicos você utiliza para facilitar a aprendizagem dos alunos? Obtivemos argumentos bem coerentes, pois, sabemos que os suportes pedagógicos são materiais didáticos de suma importância que podem ajudar na viabilização do trabalho docente; estes são essenciais para tornar a aula mais lúdica e dinamizada através de inúmeros suportes pedagógicos os quais são utilizados nas aulas.

Sobre o uso desses suportes ou conjuntos de técnicas pedagógicas utilizadas como estratégias para facilitar o processo de aquisição da leitura e escrita durante o ciclo de alfabetização, Soares (2020) esclarece que este é um processo de apropriação formado por vários procedimentos que facilitam a apropriação da leitura e escrita durante os primeiros anos escolar do ensino fundamental.

Processo de apropriação da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e da escrita: domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas; habilidades motoras de uso de instrumento de escrita (lápis, caneta, borracha...); aquisição de modos de escrever e de modos de ler – aprendizagem de uma certa postura corporal adequada para escrever ou para ler;

habilidades de escrever ou ler, seguindo convenções da escrita, tais como: a direção correta da escrita na página (de cima para baixo, da esquerda para a direita); a organização espacial do texto na página; a manipulação correta e adequada dos suportes em que se escreve e nos quais se lê livros, revistas, jornais, papel etc (Soares, 2020, p.27).

Podemos perceber no trecho acima que são inúmeros os instrumentos de escritas disponíveis para nossas crianças; todas as professoras colaboradoras referenciam as atividades lúdicas como sendo um dos suportes pedagógicos de forte relevância para os anos iniciais, pois, crianças gostam de atividades práticas e animadas, como bem citaram todas as quatro colaboradoras entrevistadas.

O relato da professora “A” é bem nítido e coerente em relação ao uso da ludicidade em sala de aula através de diversos suportes pedagógicos na rotina escolar:

“Atividades lúdicas, livros, jogos educativos voltados para a leitura; uso de recursos visuais, como imagens para auxiliar na compreensão; práticas de leituras em voz alta, contação de histórias; avaliação contínua do progresso dos alunos” (Professora A).

Acreditamos que trabalhar com o lúdico nos anos iniciais é de extrema importância para o desenvolvimento integral da criança, pois, é através das brincadeiras que a criança interage com o outro e gera aprendizagem. A professora B reforçou o que disse a professora A através de um dito bem resumido:

“Além dos livros didáticos, utilizamos jogos, dinâmicas e brincadeiras” (professora B).

Vejamos a seguir o que diz a professora C em relação as dificuldades dos alunos:

“No início do ano letivo, realizo uma avaliação para compreender e identificar as dificuldades das crianças, em seguida planejo metodologias motivadoras através de atividades lúdicas que eu possa inserir o aluno a participar, tentando desperta-lo para a busca do aprender brincando” (Professora C).

Compreendemos que a partir do diagnóstico realizado no início da ano , através do diagnóstico de entrada, a professora procura trabalhar as dificuldades dos alunos de forma eclética, o que só vai facilitar o aprendizado das crianças.

A professora D, define as atividades lúdicas como sendo o principal suporte para o desenvolvimento infantil:

“O melhor suporte utilizado para o sucesso da aprendizagem dos alunos são os recursos lúdicos” (Professora D).

Percebemos claramente na fala das professoras entrevistadas que “todas” defendem uma educação infantil voltada para lúdico, pois, acreditam que a criança tem um maior desempenho intelectual desenvolvidos com mais agilidade no momento que é trabalhado de forma lúdica, assim a criança é capaz de aprender a ler e escrever brincando, o que torna o trabalho do professor mais leve, dinâmico e prazeroso.

Durante a entrevista fizemos uma provocação às professoras sobre suas percepções em relação as formações do MAIS PAIC enquanto inovações para o fazer pedagógico no dia a dia da sala de aula através da interrogação: Qual sua percepção em relação as formações do MAIS PAIC? A primeira professora a falar, se manifestou com o seguinte enunciado:

“Tem contribuído para as práticas pedagógicas de nós professores, de grande ajuda para o ensino da leitura e escrita, sendo assim, nos ajuda a utilizar metodologias e recursos didáticos eficientes para superar as dificuldades dos alunos” (Professora A).

De acordo com a fala da professora colaboradora, compreendemos que esta professora acredita no desenvolvimento de seu aluno de forma lenta, contínua e permanente.

“Vejo de forma positiva, pois entendo que o objetivo do programa é excelente, buscando contribuir para a melhoria do processo de alfabetização” (Professora B).

A fala da professora deixa claro a importância das formações do MAIS PAIC para o processo de construção da leitura e escrita dos alunos dos anos iniciais dos sertões de Crateús; a Professora C, demonstra encantamento em romantizar e acreditar que as formações são um

presente para a educação, haja vista, que sabemos que estas formações fazem parte de políticas públicas que objetiva erradicar o analfabetismo no Brasil.

“As Formações do MAIS PAIC é um presente para nós educadores, pois, nos estimula e nos direciona em busca de desenvolver aulas prazerosas para nossos pequenos, proporcionando para eles experiências que vão além do âmbito intelectual” (Professora C).

A Professora “D” enfatiza a importância dos significados da aprendizagem para os estudantes, essa, deve acontecer de forma atrativa, onde a criança se sinta convidado a participar deste processo, vejamos:

“O programa de formação para os professores contempla a abordagem do conteúdo que se deve dar de uma forma significativa e atrativa aos estudantes, contribuindo para promover um maior envolvimento educacional” (Professora D).

Compreendemos e concordamos com o posicionamento desta professora que defende a importância dos ensinamentos significativos, pois não faz sentido ensinar algo que não seja útil para nossas crianças; porém, não podemos romantizar que as formações são brilhantes, pois, existem as lacunas que também deixam a desejar, a exemplo da política aplicada nas formações que são planejadas sem que haja a participação dos atores principais que são os professores alfabetizadores.

A dificuldade dos professores e gestores em promover uma formação que contribua efetivamente para o exercício da cidadania reside nas lacunas dos processos formativos por eles vivenciados. Apesar da formação de professores ter adquirido, a partir das últimas décadas do século XX, uma dimensão política, que permitisse desvelar a realidade para nela intervir, é possível perceber que nos dias atuais essa perspectiva ainda se encontra distante dos espaços de formação (Costa, 2014, p. 180)

As professoras colaboradoras demonstram satisfação pelas formações recebidas do MAIS PAIC, porém, percebo que as mesmas vislumbram estas formações como “um presente”, como bem relata a professora C, e sabemos que o MAIS PAIC é uma política de intervenção pedagógica que tem contribuído no cenário educacional, porém, não podemos esquecer que por traz desta política há interesses bem maiores do que simplesmente erradicar o analfabetismo.

A política de formação do MAIS PAIC traz em seu foco fortes contribuições para o professor regente de sala, ela discute teorias diversas e inovadoras trazendo para o docente a oportunidade de refletir sobre sua prática educativa e ainda traz o atento de que enfoca temáticas diversificadas oportunizando aos professores utilizar metodologias inovadoras com o auxílio dos suportes pedagógicos que o programa oferece. As formações direcionam o professor na construção de uma educação crítica e dinâmica, Alvarado-Prada, et al; relata que:

A Formação continuada de professores, nesse sentido, passa a ser encarada como uma ferramenta que auxilia os educadores no processo de ensino - aprendizagem de seus alunos, na busca de novos conhecimentos teórico – metodológicos para o desenvolvimento profissional e a transformação de suas práticas pedagógicas (Alvarado-Prada, Freitas & Freitas, 2010, p. 374).

Políticas públicas em prol de experiências exitosas na educação é obrigação do governo federal juntamente com as instancias estaduais e municipais; portanto não podemos nos iludir que estamos sendo presenteados com as pouca migalhas que chegam em nossas escolas, achando que as coisas estão a mil maravilha, que permaneça a política do MAIS PAIC, mas que tenhamos consciência que somente o MAIS PAIC não é suficiente para equalizar o sistema educacional brasileiro; que venham mais políticas educacionais que possa trazer mais benefícios para nossas escolas; nossos professores e alunos precisam e merecem; somos defensores de uma educação pública, igualitária, pautada na qualidade e gratuita para todos e todas sem distinção de raça, cor ou gênero.

O professor, após a formação inicial, necessita de formação continuada em uma perspectiva de permanência, realizando uma articulação entre a teoria e a prática, uma relação de aprendizagens, desconstrução de conceitos, diálogos e, posteriormente, praticando, unindo a aprendizagem ao trabalho pedagógico, realizando efetivamente a práxispedagógica. (Araújo; ReisS, 2014, p. 6).

O enunciado acima remete a algo que Nóvoa chamou de “ato formativo”, ou seja, precisamos do apoio um do outro em nossas instituições educacionais para juntos construirmos uma educação de qualidade justa e igualitária; Para Nóvoa, o ato formativo é [...] A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar simultaneamente, o papel de formador e de formando. (Nóvoa, 1995, p.26), portanto, o trabalho que desenvolvi na escola devem ser compartilhando de forma que todos e todas possam dar sua contribuição, desde a hora das formações até as aplicações das tarefas escolares com nosso pequenos aprendentes.

Sabemos que a formação continuada em serviço se faz necessário para continuidade de permanência na qualidade do serviço ofertado aos nossos alunos, pois, o educador que não se qualifica acaba ficando a margem da sociedade, o conhecimento é algo que rapidamente fica velho, dessa forma se faz necessário que aconteça essa articulação entre teoria e prática constantemente, assim, teremos profissionais atualizados e qualificados capazes de conduzir seus alunos a um futuro promissor.

Uma boa alfabetizadora deve sempre está em busca de qualificação e atualização dentro do seu campo de trabalho e atuação, pois, estas atualizações é que irão garantir sua permanência no mercado educacional vigente; sabemos que as formações continuadas traz em seu viés a integração dos processos de leitura e escrita em sua plenitude, capacitando assim o professor através de metodologias inovadoras, unificando teoria e prática através das inúmeras formas metodológicas aplicadas em salas de aula que as formações em serviço proporciona. Nesse sentido é importante que esse processo dinâmico de formação seja levado para o chão da sala de aula de forma criativa e lúdica, assim facilitará o processo ensino aprendizagem.

Sequencialmente, fizemos o seguinte questionamento de forma individual às professoras colaboradora de nossa pesquisa: Quais as reais necessidades pedagógicas dos professores do ciclo de alfabetização?

Nossa inquietação em fazer a indagação através desse questionamento foi para saber se realmente os conteúdos que estas formações do MAIS PAIC trazem para os professores dos anos iniciais, vem de fato ao encontro de suas reais necessidades, vejamos o que dizem as professoras pesquisadas em relação ao questionamento acima citado:

“Formação continuada e atualizada, recursos pedagógicos, grupos de estudos para trocas de experiências; reconhecimento e valorização do trabalho realizado. Essas são algumas necessidades comuns no ciclo de alfabetização” (Professora A).

“Bons livros, materiais diversificados, jogos e materiais concretos, paradidáticos e acompanhamento familiar” (professora B).

Compreendemos que a listagem apresentada pelas professoras A e B, faz parte das atribuições que o próprio programa já contempla, com exceção do acompanhamento familiar, que já é a parceria que deve existir entre família e escola.

O relato da professora “C” está relacionado com a formação e o seu compromisso profissional docente:

“O professor alfabetizador deve ter conhecimento dos métodos atuais de alfabetização, no qual ele deve escolher o material adequado para cada prática cotidiana junto as crianças do ciclo de alfabetização, definir conteúdos, conhecer o aluno, suas dificuldades e seus avanços” (Professora C).

Assim, compreendemos que a referida professora precisa ter consciência do compromisso assumido no ato de sua lotação, pois, a mesma irá trabalhar com crianças que estão em processo inicial de aprendizagem escolar.

A fala da professora D está em consonância com a professora C, pois as duas paginam o mesmo parecer conforme enunciado que segue:

“Um professor do ciclo de alfabetização deve ter conhecimento sobre esse processo; conhecer bem seus alunos para trabalhar diante das suas dificuldades e criando possibilidades de avanços” (Professora D),

As respostas das professoras C e D são atribuição específica já desenvolvida por cada professor que esteja em regência de sala, portanto, entendemos que as professoras pesquisadas ainda demonstram muita imaturidade em aceitar as formações do MAIS PAIC de forma passiva, sem questionamentos ou indagações, pois, precisamos sim destas formações, porém, nem sempre elas atendem as reais necessidades das professoras alfabetizadoras, estas que desempenham seu laborioso trabalho no chão da sala de aula, através de inúmeras formas metodológicas com os poucos recursos pedagógicos que chegam em sua escola.

Ao nosso entendimento, não ficou claro as respostas das professoras A, B, C e D, ao responderem à questão solicitada, pois, neste quesito, era a oportunidade das professoras externarem seus reais desejos de formação conforme as necessidades de regência de sala em relação a aprendizagens das crianças que se encontram nos anos iniciais.

Compreendemos que os anos iniciais do ensino fundamental é onde se constrói os pilares basilares que darão sustentabilidade a todos os anos seguintes da educação da criança durante sua vida escolar.

Temos consciência que fazer docência nos dias de hoje não é tarefa fácil, pois, o trabalho desenvolvido durante todo o processo de construção da docência é um trabalho feito por muitas mãos, onde cada seguimento da escola tem sua contribuição.

Precisamos elencar de forma coletiva as reais necessidades dos professores do ciclo de alfabetização, e não apenas aceitar as propostas elaboradas em gabinetes a porta fechadas, afinal, quem conhece a realidade e necessidades dos alunos são os professores regentes de sala, pois, são eles que convivem diariamente com os alunos e suas possíveis dificuldades de aprendizagens, portanto se faz necessário ouvir os posicionamentos dos professores em relação as demandas que surgem no dia a dia da sala de aula.

Sabemos que todo e qualquer profissional precisa estar sempre atualizado dentro do seu campo de trabalho, pois, a qualificação profissional é o fator primordial para o sucesso de cada profissão; fundamentado neste enunciado direcionamos o seguinte questionamento para as professoras colaboradoras durante nossa entrevista: Qual a importância das formações continuadas do MAIS PAIC?

Nas respostas das professoras a esse questionamento, percebemos que todas consideram que as formações continuadas do MAIS PAIC são de suma importância para o progresso educacional, vejamos o que disse a primeira professora em relação as formações domais PAIC:

“Permite aos professores a utilizar recursos adequados para promover uma aprendizagem significativa aos alunos. Além disso permitem que nós professores estejamos sempre atualizados em relação as melhores práticas pedagógicas e diretrizes curriculares” (Professora A).

Percebemos na fala da professora, que as formações em serviço são essenciais pra promover aprendizagens significativas além de manter as professoras atualizadas. Entendemos que estas formações é uma política que deve ser permanente e contínua nos anos iniciais, pois, assim, os profissionais da educação infantil estariam em processo de evolução profissional constante.

A professora “B”, enfoca a questão da atualização, visando o aprendizado dos alunos de forma significativa, ela compreende que estudar se faz necessário para a atualização de métodos para melhoria e sucesso dos alunos:

“Em qualquer profissão, a continuação dos estudos é necessária; na educação mais ainda, sendo uma forma de se manter atualizado,

buscando sempre melhorar a nossa prática como educador e o aprendizado dos alunos” (Professora B).

A professora C, deixa claro a relevância das formações continuadas do MAIS PAIC para os docentes, pois segundo ela, essas formações, traz inovações metodológicas que que facilita a aprendizagem dos alunos e a convivência em sociedade:

“As formações continuadas do MAIS PAIC é de grande importância para os docentes, pois, contribui e oportuniza aprendizagens referentes as metodologias educacionais, bem como estratégias obtidas para as práticas desenvolvidas em sala de aula e em sociedade” (Professora C).

A professora “D”, ressalta que estas formações causam impactos positivos na comunidade escolar, além de potencializar as professoras por meio de estratégias inovadoras em suas práticas pedagógicas, facilitando assim, o processo ensino/aprendizagem de nossas crianças:

“Proporcionar uma educação qualificada e completa dos educandos, causando impactos positivos na comunidade escolar. Auxilia o professor a potencializar suas práticas pedagógicas” (Professora D).

Entendemos que as professoras pesquisadas corroboram com a continuação permanente das formações dos MAIS PAIC, pois, estas tem trazido inúmeras formas metodológicas do trabalho docente, facilitando assim a aprendizagem de nossos alunos que se encontram em processo de construção da leitura e escrita.

Os pilares basilares da educação infantil – cuidar, educar e brincar – se entrelaçam e se complementam, criando um ambiente propício para o desenvolvimento integral das crianças, preparando-as para uma vida de conquistas e sucesso; porém, para estes pilares se desenvolverem de forma ininterrupta, se faz necessário que corpo e mente estejam saudáveis; dessa forma é que apresento ao leitor e leitora, a Pedagogia Terapêutica desenvolvida por João dos Santos como estratégia de inovação para a educação infantil unificada às formações do PAIC, pois ela pode contribuir significativamente para o desenvolvimento integral das crianças, durante seu processo de escolarização, para João dos Santos(1999), “a arte de curar e

a arte de educar se cruzam”; dessa forma, professoras, alunas e alunos estariam contemplados e contempladas com essa inovação nas formações do PAIC.

Ao longo da produção desta pesquisa, ficou claro a importância das formações em serviço para o sucesso escolar de nossos alunos e professores, pois, inovar se faz necessário quando buscamos êxito em nossas atividades; o fazer pedagógico é algo construído e reconstruído diariamente, e as formações do MAIS PAIC traz contribuições significativas que podem ampliar a prática pedagógica dos nossos professores que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental, porém, não podemos ficar a mercê da espera somente dessas formações, pois, elas são apenas um incremento no fazer pedagógico de nossos docentes.

Necessitamos de formações em serviço que agregue saberes e inovações em nossa docência, pois, a rotina de nossos alunos e professoras necessitam serem recheada de inovações pedagógicas, para que assim, possamos progredir com êxito rumo ao sucesso através de práticas metodológicas inovadoras e diferenciadas aplicadas no contexto da sala de aula.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo foi fundamentado por meio da pesquisa colaborativa, abordando o tema: As formações do MAISPAIC e suas repercussões nas práticas pedagógicas dos professores do ciclo de alfabetização nos sertões de Crateús; durante o percurso da pesquisa aludimos algumas temáticas que achamos de suma relevância para construção de nosso trabalho acadêmico, tornando-o mais solido, autêntico e concreto; partimos do princípio, onde tivemos como foco principal, a importância das formações em serviço como mediadoras no processo de construção da leitura e escrita nos anos iniciais através do programa “MAIS PAIC”.

Fizemos uma viagem na cronologia do tempo visitando os anos iniciais através de leituras sobre o professor alfabetizador, o ciclo de alfabetização e a realidade que se apresenta em nossa atualidade; em seguida dialogamos sobre o programa MAIS PAIC, apresentando sua estrutura, funcionalidade e aplicabilidade no ciclo de alfabetização nos sertões de Crateús que foi o lócus de nossa pesquisa.

Realizamos uma pesquisa direcionada a uma amostragem com professores dos anos iniciais(1º/2º anos) de uma escola localizada nos Sertões de Crateús no estado do Ceará, onde o objetivo geral foi o de Investigar a percepção de professores alfabetizadores sobre suas reais necessidades formativas através do programa MAIS PAIC em uma escolas dos Sertões de Crateús; traçamos como objetivos específicos: refletir sobre o impacto das formações do MAIS PAIC na prática pedagógica dos professores alfabetizadores e analisar a importância das formações do MAIS PAIC para o processo ensino/aprendizagem das crianças do ciclo de alfabetização.

Após longa caminhada com jornadas ininterruptas de leituras, reflexões e escritas, compreendemos que os objetivos de nossa pesquisa acadêmica foram atingidos de forma satisfatórias; para contextualizar nosso dito, elencaremos abaixo relacionado um pouco dessa trajetória de grande relevância para nossa formação enquanto intelectual que encontra na leitura e escrita o prazer da descoberta e sente feliz em poder compartilhar com o outro aquilo que construiu durante sua caminhada pelo o mundo encantado das letras: socializar nossas descobertas, é um convite a você também vir fazer parte de nossa história, fazendo também suas descobertas.

Nossa viagem inicia pelo mundo complexo do professor alfabetizador, onde relatamos suas aptidões, barreiras e desafios enfrentados sempre de cabeças erguidas, até mesmo quando falta incentivo por parte daqueles que representam a educação infantil dos Sertões de Crateús, gerando contradições entre o compromisso que deveria assumir junto as políticas públicas

direcionadas a nossas crianças através do diálogo e das reflexões buscando sempre melhorias para nossos eternos aprendizes através de processos formativos permanente e contínuo; onde possa garantir o direito de aprendizagem de nossas crianças que se encontra em processo de construção da leitura e escrita de forma integral nos anos iniciais do ensino fundamental.

Relatamos de forma simples um pouco da realidade e prática docente do Ciclo de alfabetização, onde compreendemos que as formações continuadas se fazem necessária para que tenhamos profissionais especializados que possa desenvolver um trabalho de qualidade com nossas crianças dos anos iniciais, as quais são os pilares fundamentais de sustentação de toda a educação dos anos escolares posteriores.

Objetivando resgatar um pouco da trajetória do mundo infantil, durante a pesquisa, trabalhamos diretamente com uma amostragem de professores alfabetizadores que nos apontaram direcionamentos em relação as formações do MAIS PAIC e suas consequências positivas/negativas ocasionadas pela aplicabilidade dessa política pública; na escola pesquisada contamos um pouco da história do MAIS PAIC nos Sertões de Crateús e a consolidação dessa política em prol da alfabetização de nossas crianças.

Dialogamos sobre a política do MAIS PAIC de forma simples e contextualizada nos sertões de Crateús, buscando ouvir as professoras através de uma entrevista e bate papo presencialmente; relatamos um pouco sobre a política do MAIS PAIC, abordamos aspectos em relação as avaliações externas; percebemos que os resultados destas avaliações nem sempre traz na íntegra os verdadeiros resultados, sabemos que por traz desta política tem interesses diversos os quais não compete relatar na escrita desta dissertação.

Ressaltamos a necessidade de inovar as formações do MAIS PAIC, para que assim, possamos de forma inovadora resgatar a autoestima e força de vontade de nossas crianças que apresentam um quadro de vulnerabilidade social no contexto histórico o qual estão inseridos; desta forma, trago como inovação para incrementar as formações do MAIS PAIC a inclusão do estudo sobre a temática “Pedagogia terapêutica no ciclo de alfabetização.”

Nessa sessão, abordamos a importância de uma mente saudável para o bom desempenho intelectual das crianças; portanto, trazemos como sugestão inovadora incluir como novo eixo estruturante nas formações do MAIS PAIC da educação Infantil intitulado de “O PAIC e a Saúde mental Infantil”; assim, teremos conteúdos suficientes para trabalhar com aquelas crianças que apresentam dificuldades em sua aprendizagem e não possuem nem um incentivo por parte dos familiares.

Com a intenção de elucidar alguns conceitos já cristalizados em relação ao processo de alfabetização e as formações continuadas em serviço, é que desenvolvemos uma pesquisa com

professores alfabetizadores com intuito de apresentar propostas inovadoras e assim alavancar o processo ensino/aprendizagem de nossas crianças em idade escolar.

O ciclo de alfabetização acontece de forma lenta e contínua, pois é um processo que requer muita atenção por parte dos professores responsáveis por essa etapa na vida dos educandos e as formações continuadas faz-se necessárias para o bom andamento do processo de alfabetização que acontece nos anos iniciais por meio de inúmeras formas metodológicas coordenadas pelos os docentes alfabetizadores.

Após observações e pesquisa realizada, percebemos que as formações do MAIS PAIC que acontecem nos sertões de Crateús direcionadas aos anos iniciais raramente seguem um calendário sequencialmente, o que acarreta uma ruptura na aprendizagem escolar das crianças que se encontram no processo de alfabetização; analisando por esta vertente, compreendemos que as formações deixam a desejar, haja vista que, às mesmas, raramente cumpre o cronograma pré-estabelecido pela própria SME.

A pesquisa aconteceu de forma satisfatória com quatro professoras alfabetizadoras dos Sertões de Crateús que são contemplados com as formações do MAIS PAIC; mediante as respostas das professoras colaboradoras, percebemos que as mesmas já possuem um bom conhecimento sobre o ciclo de alfabetização, o que ajuda no processo ensino aprendizagem dos alunos; o planejamento das ações educativas sempre acontece com a presença e acompanhamento do coordenador da escola, que contribui significativamente com sugestões de atividades e formas metodológicas inovadoras para aplicabilidade em sala de aula.

As professoras colaboradoras da pesquisa, relataram sobre as dificuldades que permeiam o ciclo de alfabetização, estas dificuldades pode ter início desde o não reconhecimento e associação das letras e sons que perpassam por toda a vida escolar da criança, inclusive a ausência familiar, questões emocionais e infrequência que são fatores de grande relevância na aprendizagem infantil; elas(professoras) também relatam sobre os suportes pedagógicos existentes nas escolas que auxiliam nas tarefas escolares, além das sugestões deixadas pelas as formações do programa MAIS PAIC.

No tocante as reais necessidades pedagógicas dos professores que atuam no ciclo de alfabetização, percebemos que as formações chegam prontas sem que estas(professoras) sejam consultadas do que realmente seria útil para suas rotinas; relataram ainda que as formações do MAIS PAIC em serviço é importante, pois, permite que o professor se atualize e desenvolva atividades diferenciadas aprendidas nessas formações; percebemos passividade e aceitação na fala das professoras em relação a importância das formações e as reais necessidades que estas

necessitam, pois, compreendemos que formação em serviço é obrigação dos gestores das instâncias municipais, estaduais e Federal.

Este

link:

<https://drive.google.com/file/d/1MsCB2uFLHCCNhjtsneZU45rUat2jjNc/view?usp=sharing>

leva você ao encontro de uma produção intitulada “O PAIC E A SAÚDE MENTAL INFANTIL, trata-se de um Caderno de Formação continuada para professora .dos anos iniciais do ensino fundamental.

O referido caderno de formação, está dividido em quatro unidades distintas, onde cada unidade traz um enfoque específico sobre o Ciclo de alfabetização; sintam-se convidados e convidadas a acessar o link acima mencionado e conhecer este material que foi elaborado com muito zelo para aqueles profissionais que são contemplados com as formações do PAIC e buscam inovação para os anos iniciais do ensino fundamental.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Roberta Negrão de, REIS, Sandra Regina dos. **A formação continuada e sua contribuição para o professor alfabetizador**. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014.

ALVARADO P. L. E., Freitas, T. C., & Freitas, C.A. (2010). **Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas**. Revista Diálogo Educacional, 10 (30), 367 – 387.

ALVES, Paula Trajano de Araújo, SILVA, Solonildo almeida da. A Pesquisa como Princípio Formativo na Pós-Graduação: da reflexão sobre as práticas à construção do conhecimento./Elcimar Simão Martins, Maria Socorro Lucena Lima(Orgs), Fortaleza, 2020.

ALVES, Vera Maria Souto. **Formação de professores alfabetizadores: a perspectiva de alfabetizar letrando-avanços e desafios**. RPGE–Revista on line de Política e Gestão Educacional, v.21, 2017. DOI: 10.22633/rpge.v21.n.esp2.2017.10848. Acesso em 18 de maio de 2023.

Avaliação nacional da alfabetização (ANA): **documento básico**. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013. https://download.inep.gov.br/educacao_basica/saeb/2013/livreto_ANA_online.pdf. Acessado dia 20 de maio de 2023.

BAPTISTA, Mônica Correia. **A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância**. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento - Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7159-2-7-linguagem-escrita-direito-educacao-monica-correia/file>. Acesso em 15 de novembro de 2023.

BARROS, Dartora Alba, 2019, **A avaliação nacional da alfabetização e suas implicações no trabalho docente**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR- <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> 2018. Acesso em 11/05/2023.

BRANDÃO, Ana Caroline Perusi. LEAL, Telma Ferraz. **Alfabetizar e letrar na Educação Infantil: O que isso significa**. In: **ler e escrever na educação infantil: Discutindo práticas pedagógicas**, 2ed. Belo Horizonte. Ed. Autentica, 2011, p.12 – 31.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Fundamentos da investigação qualitativa em educação: uma introdução. In: BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994, p. 13 – 51.

BORGES, Karine Moura de Farias. **A Pedagogia terapêutica de João dos santos e as contribuições de Maria Amália Borges de Medeiros – caminhos de luta, afeto e conquista**. Programa de Pós-graduação em educação, Fortaleza-Ceará – 2022.

BRANCO, Maria Eugénia Carvalho e. João dos Santos: **A saúde mental Infantil em Portugal - uma Revolução de futuro**. Lisboa, coisas de ler, 2013.

BRASIL. **Secretaria de Educação Básica**. Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação. Brasília: MEC, SEB, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: formação do professor alfabetizador: caderno de apresentação. Brasília: MEC/SEB, 2012.

CEARÁ. Secretaria da Educação Regime de colaboração para a garantia do direito à aprendizagem: **o Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC) no Ceará / Secretaria da Educação**, Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). -- Fortaleza: SEDUC, 2012.

Centro de Referências em Educação Integral (CREI, 2018, Na Prática, Caderno 1). Disponível construtivista. Trad. Ana Maria Neto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2003.

COSTA, A. G.; RAMOS, J. F. P. **Regime de colaboração e educação no Ceará: o Paic no fomento a uma nova cultura de gestão municipal**. Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar. Mossoró, v. 6, n. 16, 2020.

COSTA, Anderson Gonçalves. **A Política educacional cearense no (des) compasso da Accountability**. Trabalho de conclusão de curso – Mestrado acadêmico – Universidade Estadual do Ceará. Centro de Educação. 2020.

COSTA. Elisangela André da Silva. **A educação de jovens e adultos e o direito a educação: concepções e olhares de educadores e gestores escolares a partir das políticas educacionais do município de Horizonte / Ceará**. Tese de Doutorado. 2014.

CRUZ, Maria do Carmo Meirelles Toledo, FARAH, Marta Ferreira Santos, RIBEIRO Vanda Mendes. **ESTRATÉGIAS DE GESTÃO DA EDUCAÇÃO E EQUIDADE: O CASO DO PROGRAMA APRENDIZAGEM NA IDADE CERTA (MAIS PAIC)**. Revista on line de Política e Gestão Educacional [en línea]. 2020, 24(3), 1286-1311[fecha de Consulta 18 de Mayo de 2023]. ISSN: Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=637766245007>. Acessado dia 18 de maio de 2023.

CRUZ NETO, Otávio. **O Trabalho de Campo como descoberta e criação**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza.(org.)et al. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. ed.Petrópolis: Vozes, 2003.

DALMÁS, A. Planejamento participativo na escola: elaboração, acompanhamento e avaliação. 8º edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DE BRITO, SOUSA, J. R. PESQUISA COLABORATIVA: INVESTIGAÇÃO, FORMAÇÃO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO. **Linguagens, Educação e Sociedade**, [S. l.], n. 22, p. 271-278, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/1474>. Acesso em: 28 nov. 2023.

DCRC. Ana Gardennya Linard Sírío Oliveira. Secretaria da Educação do Estado do Ceará. **Documento Curricular Referencial do Ceará: Educação infantil e ensino fundamental**. Fortaleza: Educação e Políticas Educacionais, 2019.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo(Organizadora). – Petrópolis, RJ, vozes, 2010.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. Tradução Sara Cunha Lima, Marisa do Nascimento Paro, - 2ª ed, - São Paulo: Cortez: Autores associáveis, 1996.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução Horácio Gonzales(et. A), 24º ed. atualizada, São Paulo:cortez,1995(coleção das questões da sua época)

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e Prática Docente**. São Paulo. Editora: Cortez - 2012.

FRANÇA, Maria do Socorro Lima Marques. **O professor e a leitura: histórias de formação**. Secretaria de Educação. Fortaleza, Ceará: SEDUC, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários a prática educativa**. Ed. 48ª São Paulo: Paz e Terra - 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 2011.

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na Educação Infantil: observação, adequação e inclusão**. 1. Ed. – São Paulo: Moderna, 2012. integral/>. Acesso em 03 de fevereiro de 2023.

GIRARDI Isabela Cristina Daeuble, RAUSCH, Rita Buzzi. **Formação de professores alfabetizadores: revisão sistemática da produção científica realizada no Brasil entre 2014 e 2018**. Educação| Santa Maria | v. 47|2022. <http://dx.doi.org/10.5902/1984644461330>. Acessado dia 18 de maio de 2023.

Gil, Antônio Carlos - **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil/os-objetivos-de-aprendizagem-e-desenvolvimento-para-a-educacao-infantil>. Acessado dia 20 de maio de 2023.

KISHMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedo e brincadeiras na educação infantil**. Anais de II seminário Nacional: currículo em movimento. Perspectiva. Belo Horizonte, 2010.

MALTA, Maisa; SILVA, Hilda Maria Gonçalves. Análise da avaliação nacional da alfabetização: conceitos, indicadores e resultados. **Regae: Rev. Gest. Aval. Educ.** Santa Maria. V. 11, n.20,e71048, p. 1-17, 2022. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5902/2318133871048>. Acessado dia 15 de maio de 2023.

MASETTO, M. Didática: a aula como centro. São Paulo: FTD, 1994.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica, Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Avaliação por triangulação de métodos**; Organizado por Maria Cecília de Souza Minayo, Simone Gonçalves de Assis e Ednilsa Ramos de Souza. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2005.

MUYLAERT, Naira, BONAMINO, Maria, Alicia Catalano de, MOTA, Maria Océlia 2022, **Notas para a reconstrução da noção de equidade subjacente ao desenho do Paic**. ARTIGO • Ensaio: aval. pol. públ. educ. 30 (115) • Apr-Jun 2022 <https://doi.org/10.1590/S0104-403620210002902791>. Acessado dia 18 de maio de 2023.

Morato, P., & Santos, J. (2021). **Notas sobre a Pedagogia Terapêutica do Doutor João dos Santos**. *Revista Interações*, 17(59), 162–173. <https://doi.org/10.25755/int.25109>

NÓVOA, Antônio. **A formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, Antônio. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Educa, 2002.

NÓVOA, António. **Profissão Professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.

NÓVOA, Antonio. **Professores: imagens do futuro presente**. Educa, Lisboa | 2009.

OLIVEIRA, Anne Marie Milon. A Formação de Professores Alfabetizadores: lições da prática. *In: GARCIA, Regina leite (Org.) Alfabetização dos alunos das classes populares*. São Paulo: Cortez, 1992. (Questões de nossa época; v.6).

PACTO, Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf.Ensfund/indag3.pdf>. Acesso em 11/05/2023.

PEREIRA, Íris Susana Pires; VIANA, Fernanda Leopoldina e SILVA, Cristina Vieira da. **Sobre a formação do professor alfabetizador: contributos para a caracterização do conhecimento de base do professor alfabetizador**. *Perspectiva* [online]. 2015, vol.33, n.1, pp.231-259. ISSN 2175-795X. <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2015v33n1p231>. Acessado dia 18 de maio de 2023.

Relatório da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) 2013-2014: análise dos resultados. Brasília: INEP, 2015 (v. 2).

SANTOS, João dos. **Educação Estética e Ensino Escolar**. (conferência proferida em 1957) publicações Europa-Américas.

SANTOS, João dos. **A Casa da Praia: o psicanalista na escola**. 4. Ed. Lisboa: Livros horizonte, 2007-a.

SCOZ, B. J. L. Psicologia e Realidade Escolar: o problema escolar e de aprendizagem. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 1994.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico.** 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Maria Reginalda Soares. **Formação continuada de professores: saberes e reflexividades na prática pedagógica.** Universidade Federal do Paui/Curso de Mestrado em Educação. Teresina, PI, 2010.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caderno do professor** / Magda Becker Soares; Antônio Augusto Gomes Batista. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 64 p. - (Coleção Alfabetização e Letramento).

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Anais da 26ª Reunião Anual da ANPEd - GT Alfabetização. Revista Brasileira de Educação, Poços de Caldas - MG, 2003.

TEBEROSKY, Ana. **COLOMER, Teresa.** **Aprender a ler e a escrever:** uma proposta construtivista. Trad. Ana Maria Neto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WALLON, Henri. **Afetividade e aprendizagem.** São Paulo: Edições Loyola, 2007

ZACCUR, Edwiges. Fala português, professora. . *In: GARCIA, Regina leite (Org.)* Alfabetização dos alunos das classes populares. São Paulo: Cortez, 1992. (Questões de nossa época; v.6).